



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANA FLORA FERREIRA ROCHA

AMORAS, DE EMICIDA, E A IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA
UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE CRÍTICA MULTIMODAL

João Pessoa
2023

ANA FLORA FERREIRA ROCHA

AMORAS, DE EMICIDA, E A IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA
UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO MULTIMODAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística, área de concentração Linguística e Práticas Sociais e linha de pesquisa Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Alexandre Silva Bezerra

Coorientador: Prof. Dr. Anderson Alves de Souza

João Pessoa
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R672a Rocha, Ana Flora Ferreira.

Amoras, de Emicida, e a identidade da criança negra
: uma perspectiva de análise crítica do discurso
multimodal / Ana Flora Ferreira Rocha. - João Pessoa,
2023.

103 f. : il.

Orientação: Fábio Alexandre Silva Bezerra.

Coorientação: Anderson Alves de Souza.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística - Raça. 2. Linguística sistêmico
funcional. 3. Discurso - Análise crítica. 4. Gramática
- Design visual. I. Bezerra, Fábio Alexandre Silva. II.
Souza, Anderson Alves de. III. Título.

UFPB/BC

CDU 81:316.356.4(043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
ANA FLORA FERREIRA ROCHA

Aos trinta e um dias do mês de julho de dois mil e vinte e três (31/07/2023), às catorze horas, realizou-se, via Plataforma Zoom, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada "*Amoras, de Emicida, e a identidade da criança negra: uma perspectiva de análise crítica do discurso multimodal*", apresentada pelo(a) mestrando(a) **ANA FLORA FERREIRA ROCHA**, Licenciado(a) em Letras pelo(a) **Universidade Federal da Paraíba - UFPB**, que concluiu os créditos para obtenção do título de MESTRE(A) EM LINGUÍSTICA, área de concentração **Linguística e Práticas Sociais**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). Jan Edson Rodrigues Leite, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof(a). Dr(a). Fábio Alexandre Silva Bezerra (PROLING-UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(as) Professores(as) Doutores(as) Anderson Alves de Souza (Coorientador/PROLING-UFPB), Litiane Barbosa Macedo (Examinadora/UFSC) e Martha Júlia Martins de Souza (Examinadora/UFRR). Dando início aos trabalhos, o(a) senhor(a) Presidente Prof(a). Dr(a). Fábio Alexandre Silva Bezerra convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) Mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, ao qual foi atribuído o conceito APROVADA. Proclamados os resultados pelo(a) professor(a) Dr(a). Fábio Alexandre Silva Bezerra, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 31 de julho 2023.

Observações

Após revisão da dissertação com base nos comentários da banca examinadora, proceder para o trabalho de publicação dos resultados em periódicos a serem escolhidos.

Documento assinado digitalmente



FABIO ALEXANDRE SILVA BEZERRA
Data: 04/08/2023 16:41:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Fábio Alexandre Silva Bezerra
(Presidente da Banca Examinadora)

Documento assinado digitalmente



MARTHA JULIA MARTINS DE SOUZA
Data: 04/08/2023 16:36:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a).Dr(a). Anderson Alves de Souza
(Coorientador)

Prof(a). Dr(a). Martha Júlia Martins de Souza
(Examinadora)



Documento assinado digitalmente

LITIANE BARBOSA MACEDO
Data: 04/08/2023 16:52:10-0300
CPF: ***.309.099-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof(a). Dr(a). Litiane Barbosa Macedo
(Examinadora)

Dedico este trabalho à minha família –
minha avó, que nos deu oportunidade, acolhimento e ensinou o valor da educação;
minha mãe, que nos colocou acima de si para que pudéssemos ter um futuro ainda
melhor e independente; ao meu irmão, que sempre foi inspiração,
do gosto musical a almejar uma vida fora daqui.

Dedico também a todas as Amoras, como eu já fui um dia, na esperança de que
cresçam num mundo melhor, acolhedor, antirracista, e cheio de oportunidades.

AMAR É UM ELO

Agradeço à minha avó, Zefinha, por ter dado a minha família a oportunidade de crescer. Somos poucos em números, mas somos muitos em realizações, essas que não seriam possíveis sem sua sabedoria, inteligência, irreverência e ensinamentos.

à minha mãe, Neide, por sempre ter apoiado as minhas decisões acadêmicas e me orientado a seguir sempre em frente, mesmo com todas as adversidades que se colocaram em meu caminho.

ao meu irmão, Antônio, que sempre me encorajou a almejar espaços maiores e, através do exemplo, me mostrou o que é possível conseguir com trabalho duro. Agradeço também por ter me dito sobre os "nãos" que levou da vida, porque isso me deu forças para persistir.

ao meu pai, que me ensinou a sonhar alto, sempre respeitou as minhas correções quando acreditei que tivesse um discurso equivocado, e segue sendo o melhor que pode ser.

à minha irmã de outra família, Nicole, por ter estado comigo em todos os passos da minha jornada - hard times, real times and good times. Meu maior exemplo de força e amorosidade.

à Dona Maria José, tia Girleide, tio Gabriel, Biel, Maria e Daniel, minha família estendida. Especialmente Biel, que é meu amigo desde a infância e continua sendo um grande parceiro.

aos meus amigos Gustavo, Ingrid, Polly, Cinthia e Priscilla, por estarem comigo apesar da minha dificuldade em manter relações saudáveis e duradouras. Nota: Polly, obrigada por me acolher em seu espaço de trabalho para que eu pudesse estudar e sair de casa nessa reta final do mestrado.

à minha amiga e exemplo, Paola, que me ajudou a perceber coisas que eu não enxergava, e sempre foi e será acolhimento e sabedoria. You're so cool, you're so cool, you're so cool.

a Martinho Leal Campos, por ter sido presença mesmo sem estar perto, e por se dispor de maneira tão especial a me ajudar no que eu precisasse durante o trabalho, dado o fato de ele ser história viva.

aos amigos e amigas da minha mãe que tão carinhosamente me acolhem e ajudam, Izabel, Zeza, Fátima, Adelaide, Cartaxo, Nino e Fred. Nota: Izabel, obrigada por tudo que fez por mim durante a construção deste trabalho. Fred e Nino, obrigada pelo ramo de arruda.

aos meus colegas de orientação, Leonardo e Thayse, pelo chá e pela prosa. Nota: Leo, obrigada por me explicar o que eu não conseguia entender e destravar os meus caminhos.

ao meu médico, Bernardo, por me salvar de mim, e sempre ter as melhores conversas e indicações de livros, músicas, comidas e bebidas, além das orientações para vida. Sem Bernardo eu não estaria aqui.

à minha psicóloga, Aline, por ser presença constante me dando força, me mostrando meus erros, me acompanhando nos altos e baixos, me ajudando a reconhecer as minhas fases e rindo comigo quando não há mais o que fazer.

aos teóricos, youtubers, comediantes (em especial João Pimenta), músicos e outros artistas que me acompanharam na construção deste trabalho.

às professoras Betânia Medrado, Regina Celi, Socorro Claudia, e ao professor Ferrari, por terem acrescentado tanto à minha caminhada nesse mestrado.

às professoras Jailine, Carla, Mariana, Dani Luna, Renata, Barthyra e Bárbara, por terem sido exemplos tão maravilhosos durante minha graduação.

aos meus orientadores, Fábio e Anderson, sem os quais eu não teria chegado ao fim e, enfim, me tornar mestra. Eu tenho enorme carinho e respeito por vocês, que me acompanham a oito anos e ainda não cansaram de mim, eu espero. Vocês estão para sempre guardados no meu coração, ao lado de Mariana e Carol. Fábio, obrigada pela compreensão e pela disciplina. Anderson, obrigada pela irreverência e pela ajuda.

agradeço a Emicida, por ter escrito um livro tão significativo para uma menina como eu, pretinha e doce como as amoras, e ter ajudado a recuperar a minha alma e entrar em contato com a minha ancestralidade.

Last but not least, I wanna thank me. I wanna thank me for believing in me, I wanna thank me for doing all this hard work, I wanna thank me for having no days off, I wanna thank me for, for never quitting. I wanna thank me for always being a giver and tryna give more than I receive. I wanna thank me for tryna do more right than wrong. I wanna thank me for just being me at all times... Ana Flora, you a bad motherfucker! (Adaptado de Snoop Dogg)

ENTRE O AZUL E O AMARELO

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.”
(Chimamanda Ngozi Adichie, O Perigo de Uma História Única)

RESUMO

Nesta pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico-interpretativo, levando-se em consideração a necessidade de educação social para as crianças, propõe-se uma análise do livro infantil AMORAS, de Emicida, partindo de três teorias para uma conclusão que visa uní-las de maneira complementar; a Linguística Sistêmico Funcional, abordagem funcionalista da linguagem desenvolvida por Halliday e Matthiessen (2004), a Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2006); e a Análise Crítica do Discurso, de Fairclough (1995). A partir de tais teorias, pretende-se atingir o objetivo principal: investigar como questões identitárias são tratadas a partir da centralidade da raça no livro AMORAS, de Emicida. E se pretende chegar a tal objetivo através dos seguintes objetivos específicos: descrever as representações verbais e imagéticas sobre raça e suas intersecções com outros marcadores sociais da diferença; discutir as práticas discursivas e sociais reveladas no discurso multimodal; avaliar em que medida essas questões identitárias tratadas no livro AMORAS apontam para o potencial papel da literatura infantil na superação de relações assimétricas de poder.

Palavras-chave: raça; linguística sistêmico funcional; análise crítica do discurso; gramática do design visual

ABSTRACT

In this qualitative research of bibliographical interpretative nature, considering the need for children's social education, it is proposed an analysis of the children's book AMORAS, by Emicida, based on three complementary theories; the Systemic Functional Linguistics, functionalist approach to language developed by Halliday e Matthiessen (2004), the Grammar of Visual Design, by Kress and van Leeuwen (2006), and the Critical Discourse Analysis of Fairclough (1995). Based on these theories, we intend to achieve the main goal of investigating how identity issues are addressed through the centrality of race in the book AMORAS, by Emicida. And we intend to reach this goal through the following specific objectives: Describe the verbal and imagetic representations of race and its intersections with other social markers of difference; Discuss the discursive and social practices revealed in multimodal discourse; Evaluate to what extent these identity issues addressed in the book AMORAS point to the potential role of children's literature in overcoming asymmetrical power relations.

Key-words: race; sistemic funcional linguistics; critical discourse analysis; grammar of Visual design

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Emicida _____	18
Figura 2: Livro Amoras vandalizado _____	31
Figura 3: Livro Amoras Vandalizado _____	31
Figura 4: Precarização do CSE, João Pessoa _____	38
Figura 5: Proc. Reacional Transacional _____	53
Figura 6: Proc. Acional Não-transacional _____	53
Figura 7: Proc. Mental _____	54
Figura 8: Proc. Verbal _____	54
Figura 9: Estante _____	55
Figura 10: Parte de um livro _____	55
Figura 11: O céu com um avião _____	55
Figura 12: Contato por demanda _____	56
Figura 13: Contato por oferta _____	56
Figura 14: Impessoal _____	56
Figura 15: Íntimo _____	56
Figura 16: Social _____	56
Figura 17: Modelo tridimensional de Fairclough _____	58
Figura 18: Imagem 1 Amoras _____	77
Figura 19: Imagem 2 Amoras _____	79
Figura 20: Imagem 3 Amoras _____	81
Figura 21: Imagem 4 Amoras _____	82
Figura 22: Imagem 5 Amoras _____	84
Figura 23: Imagem 6 Amoras _____	86
Figura 24: Imagem 7 Amoras _____	87
Figura 25: Imagem 8 Amoras _____	89
Figura 26: Imagem 9 Amoras _____	90
Figura 27: Imagem 10 Amoras _____	91
Figura 28: Imagem 11 Amoras _____	93
Figura 29: Imagem 12 Amoras _____	94
Figura 30: Imagem 13 Amoras _____	96
Figura 31: Imagem 14 Amoras _____	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	77
Quadro 2	78
Quadro 3	79
Quadro 4	82
Quadro 5	83
Quadro 6	85
Quadro 7	86
Quadro 8	88
Quadro 9	89
Quadro 10	91
Quadro 11	92
Quadro 12	94
Quadro 13	95
Quadro 14	96

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

- ABC: Refere-se ao ABC Paulista, região composta por Santo André (A), São Bernardo do Campo (B), e São Caetano do Sul (C)
- ACD: Análise Crítica do Discurso
- ALN: Ação Libertadora Nacional
- BIRD: Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
- BLM: Black Lives Matter
- CEA/JP: Centro Educacional do Adolescente - Internação Provisória
- CNJ: Conselho Nacional de Justiça
- CSE: Centro Socioeducativo Edson Mota
- DEPEN: Departamento Penitenciário Nacional
- EMICIDA: Enquanto Minha Imaginação Compuser Insanidades Domino a Arte; também junção de MC com homicida (porque ele “matava” nas batalhas de rap no início de sua carreira;
- ENAJUN: Encontro Nacional de Juízas e Juízes Negros
- EUA: Estados Unidos da América
- FEBEM: Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor
- Fundação CASA: Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
- FNB: Frente Negra Brasileira
- GDV: Gramática do Design Visual
- HIV: Vírus da Imunodeficiência Humana
- IPCN-RJ: Instituto de Pesquisas das Culturas Negras - Rio de Janeiro
- KKK: Ku Klux Klan
- LGBTQIA+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual, + indica outras identidades e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não aparecem em destaque no símbolo
- LSF: Linguística Sistêmico Funcional
- MBL: Movimento Brasil Livre
- MNU: Movimento Negro Unificado
- NFL: National Football League
- TOMN: Teatro da Oprimida Mulheres Negras
- UNE: União Nacional dos Estudantes
- VPR: Vanguarda Popular Revolucionária

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Procedimentos Metodológicos	20
2 É QUESTÃO DE RAÇA (DES)HUMANA	22
2.1 “Racismo: ou você combate, ou faz parte.”	22
2.1.1 <i>O Mito da Democracia Racial</i>	24
2.1.2 <i>Chuta que é macumba! Chuta?</i>	28
2.1.3 <i>“Enquanto a terra não for livre, eu também não sou”</i>	32
2.2 Empoderamento e Interseccionalidade: “Quando disser que vi Deus, ele era uma mulher preta”	49
2.2.1 <i>“Profundo ver o peso do mundo nas costas de uma mulher”</i>	41
2.3 Movimentos Negros antes, durante e depois da Ditadura e Redemocratização	44
2.4 “Viver é partir, voltar e repartir”	47
2.5 Socialização: a diferença intrínseca	49
2.5.1 <i>“Com quatro anos eu já via o mundo inteiro contra mim”</i>	50
3 ACADEMICAMENTE FALANDO... TEORIAS BASE PARA ANÁLISES	52
3.1 Gramática Sistêmico Funcional	52
3.2 A Gramática do Design Visual	53
3.3 Análise Crítica do Discurso	57
4 UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO MULTIMODAL	60
4.1 “Cabelos de nuvens”	60
4.2 “Por que choramos ao chegar?”	62
4.3 “Papai, que bom. Porque eu sou pretinha também!”	64
5 CONCLUSÕES: “PARA QUE AMANHÃ NÃO SEJA SÓ UM ONTEM COM UM NOVO NOME”	71
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICES	77
ANEXO A - Minha pele não é uma ameaça	99
ANEXO B – Versos de Lucas Penteado	100
ANEXO C – Somos	102

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Caro leitor,

tenho por todas e todos imenso respeito e gratidão por tomarem um pouco de seu tempo para ler o meu trabalho. Mas verdades outrora ignoradas por mim serão reveladas ao longo desta carta, se assim posso chamá-la, e da dissertação. Trabalho numa perspectiva de Linguística Aplicada Contemporânea que pretende desfazer a visão hegemônica de que as pessoas negras são inferiores às brancas, que entende a racialização como um processo social e, principalmente, que, sendo esse processo social iniciado na infância, precisa ser tratado com cuidado, mas também paixão.

O que se espera de uma pessoa negra no Brasil? A negritude, mesmo com a emancipação dos escravizados, tem sido alvo de perspectivas preconceituosas e negativas por parte da sociedade. O “ser negro” é associado a pobreza, marginalização, curiosidade, e todos os outros aspectos que serão abordados neste trabalho, porém, essa não foi a minha experiência enquanto mulher negra de forma geral.

Quando eu estava na alfabetização aconteceu o que eu chamo de “incidente da piscina”, quando uma menina branca e loura, descendente de japoneses e brasileiros, fez toda a turma que estava na piscina num aniversário, que não era dela, não brincar comigo. A minha mãe resolveu a situação chamando-a à beira da piscina e dizendo que ela também era diferente, e não deveria tratar ninguém mal por ser diferente. Uma outra mãe, que, por coincidência, tinha estudado com a minha, estava lá e chamou sua filha (branca e loura) e disse que era para brincar comigo sim. Nós “brincamos” até hoje, somos irmãs.

No terceiro ano do ensino médio, ainda jovem demais para entender diversas coisas que hoje, especialmente depois desta pesquisa, eu entendo, um professor disse a mim, colocando a mão em minha cintura, que eu tinha “ancas de parideira”. Na época eu não entendi e senti apenas a vergonha do assédio, um homem mais velho e em posição de poder tocando o meu corpo sem o meu consentimento e usando palavras que eu não conhecia doeu, mas hoje eu sei quem eram as parideiras, e o que significa ter ancas de parideira. Quando compreendi isso, voltei para a situação e vi que um professor de literatura, negro, estava dizendo que, como as escravizadas que tinham como função gerar outras vidas para serem escravizadas, eu tinha quadris largos, favoráveis a procriação.

Quando o ensino médio acabou, eu resolvi ir ao shopping com uma colega. Meu pai tinha me dado um dinheiro e eu queria uma capinha nova para o meu celular. Entrei em uma

loja e perguntei se eles tinham capas, prontamente a vendedora disse que não. Agradei e virei para a esquerda, prestes a sair da loja. Me deparei com uma parede repleta de capas para celular. Eu virei e perguntei se aquilo não eram capas. Ela disse que eram capas de iPhone e perguntou se meu celular era um iPhone. Eu disse que não, mas perguntei se o iPhone não era um celular. Saí da loja. A graça é que o meu celular custava tanto quanto o iPhone da época e, nesses 11 anos que passaram depois desse incidente, nunca tive interesse em ter um iPhone.

Esses são os episódios mais marcantes, mas com certeza há vários que eu não consigo recordar agora, de como o racismo afetou a minha vida até hoje. E eu reconheço que eu não fui socializada como a maioria das pessoas negras no Brasil: eu tive acesso às melhores escolas, eu frequentei cursos de línguas (mais de uma), eu gazeava aula no terceiro ano do ensino médio para ler *A Desobediência Civil* e *Manifesto do Partido Comunista* na sala da coordenação. Na verdade, eu pinte e bordei por aí na maior parte da minha vida, e sempre sai ilesa. Provavelmente porque eu sou educada a partir de padrões hegemônicos, bem vestida segundo o padrão midiático, tenho filtro social, e isso me protegeu de muita coisa. Eu tanto não fui socializada como a maioria das pessoas negras no Brasil que há quem diga que eu não sou negra, mas eu acredito que dizem isso por terem uma visão deturpada do que é ser negra ou negro.

Eu tenho traços finos, mas a minha pele é negra;

Eu estudei em boas escolas, mas a minha pele é negra;

Eu falo inglês e arranho no francês, mas a minha pele é negra;

Eu sou bem educada, mas a minha pele é negra;

Eu viajo para show, mas a minha pele é negra;

Eu tenho plano de saúde, mas a minha pele é negra;

Eu sou inteligente e curiosa, mas a minha pele é negra;

Apesar de eu ter inúmeros privilégios, a minha pele é negra, e a sociedade não me deixa esquecer que eu sou uma mulher negra num país patriarcal e racista em que ser quem eu sou é indesejável. Então eu subverto. Eu faço tatuagem, eu pinto o cabelo, tomo cachaça, ando sozinha e me dou o direito de assumidamente ser quem eu sou. Eu sento no chão em shopping chique, assim como fiz em Nova Iorque, assim como fazia na frente do bar, como faço na universidade, porque pra mim é mais importante conforto do que aparência. Eu tenho sempre respostas prontas, porque como o Emicida disse: “eu não sou alvo de racista, eu sou o pesadelo dele”.

Subverter foi o que me trouxe a este trabalho. Inicialmente queria investigar uma série estadunidense, e eu achava que era apenas porque eu gostava da série. Ao longo da escrita da

minha dissertação eu descobri que era porque eu iria conseguir me distanciar mais do trabalho se eu falasse de uma realidade diferente da minha. No fim das contas, falei de Amoras.

Amoras toca o fundo do meu ser porque quando o livro chegou até mim, não fui eu que fui até ele, eu imediatamente sabia que seria ele. Porque eu sei que crianças negras sofrem na sociedade em que vivemos, e ainda mais se elas vierem das origens que minha avó veio. Amoras é importante para mim porque minha avó, Zefinha, é importante pra mim. Foi por causa dela que eu cheguei até aqui e qualquer conquista que venha depois dessa será por causa dela, porque mesmo sem ter o ensino fundamental completo, ela foi a mulher mais inteligente que pisou nesse planeta, e sempre soube que a verdadeira emancipação da pessoa negra, principalmente da mulher negra, só vem através da educação. Mas hoje eu me questiono: que educação?

Ao longo da minha vida escolar, eu não tive contato com conhecimento negro, eu não conhecia a história do meu próprio povo. Eu conhecia a história da minha avó, de luta, sofrimento, e depois de uma velhice tranquila e cheia de diversão. Conhecia a história da minha mãe, as dificuldades que passou para chegar até o fim de seu curso de economia. Conhecia o que eu vivenciava, que por não ter sido socializada como mulher negra, foi muito menos do que o que minha família passou, e hoje eu consegui mais (academicamente) do que o que minha mãe conseguiu. Se com a minha idade, a minha mãe estava prestes a virar uma mãe solo, negra, de um bebê branco, e ser confundida com babá, além de já ser arrimo de família, eu não tenho perspectiva de filhos, família, casa ou carro próprio, tudo isso sempre foi natural, apesar dos momentos de dificuldades financeiras e do sofrimento pelo qual minha mãe passou, de não poder me ver crescer por estar trabalhando para garantir um futuro melhor pra mim; futuro esse que não significa herança, casa, dinheiro, mas educação formal de qualidade.

Não consigo lembrar de mulheres negras protagonizando os filmes que eu assisti desde a minha infância. Não consigo lembrar de ter lido autoras e autores negros, exceto na escola, quando não nos diziam que eram negros, mas eram sempre homens. Não tive conhecimento nenhum sobre a minha cultura, tive uma formação branca, eurocentrada, focada no vestibular e nunca no pensar crítico. Mas como disse, eu subverto. Agora que eu sei a importância de ter referências negras, eu as procuro e valorizo. Hoje, aprendi a valorizar a cultura negra, aprendi a valorizar uma cultura que sempre foi minha, mas a qual eu nunca tive acesso.

“Não tem posicionamento maior do que ser quem eu sou”, disse Glória Maria.

Me chamem de negra, porque negra eu sou. Mulher, feminista, inteligente, estudiosa, meio preguiçosa, bipolar, curiosa, acumuladora de informações inúteis, sonhadora, mas, acima de tudo, negra. E com orgulho.



Ana Flora, formatura do ABC, 2001

Ana Flora Ferreira Rocha, 2023

1 INTRODUÇÃO

A leitura de textos multimodais é importante para a formação leitora crítica das crianças (IRIAT; SOUZA, 2022; MORTATTI, 2001) e também para a imaginação e o caráter emancipatório que proporcionam ao longo da vida. Pesquisas já vêm sendo desenvolvidas a respeito desses assuntos (MANTEI; KERVIN, 2014; PRAWUCKI, 1998). Mas quando falamos de um livro como o que se propõe a presente análise, a importância dobra, porque estamos falando de lições que vão além da leitura ou da imaginação e tomam parte na formação das crianças enquanto cidadãs, tratando de uma parcela da sociedade que é marginalizada há séculos (ALMEIDA, 2020).

Figura 1: Emicida



Fonte: Reprodução Instagram, fotógrafo Tassio Yuri

O livro que está sendo analisado, *Amoras*, é do autor Emicida (Leandro Roque de Oliveira, 36), que é um *rapper*, cantor, letrista, compositor e apresentador brasileiro, tendo sido indicado ao Grammy Latino quatro vezes, duas em 2020 (vencendo a categoria Melhor Álbum de Rock ou de Música Alternativa em Língua Portuguesa, pelo álbum *AmarElo*), e participado de outras premiações (sendo Grammy Latino a maior delas). Com esse livro, há a possibilidade de podermos atingir um público mais jovem e tratar o tema, racismo, de maneira mais lúdica. É através de sua arte e ativismo que Emicida busca contribuir para a emancipação das pessoas negras e periféricas, tendo seu álbum *AmarElo* (título inspirado em um poema de Paulo Leminski) sido um marco, com um especial na plataforma de streaming Netflix, gravado no Theatro Municipal de São Paulo, e um documentário, chamado “É tudo pra ontem”.

A escolha do livro de Emicida se dá a partir da observação de seu lugar de fala como homem negro, *rapper*, pai de meninas negras, e de como ele retrata a percepção de uma menina enquanto negra no livro. Num mundo dominado pela branquitude, pelo eurocentrismo e pelo

patriarcado, em que ser mulher, negra e brasileira apresenta desafios interseccionais significativos, Emicida traz uma maneira diferente de apresentar a negritude aos mais jovens. Então, enquanto mulher negra que sofre preconceito racial desde a infância, quando me vi com tal livro em mãos, pensei no dia em que terei que educar as crianças da minha vida, e no fato de que terei que explicar que pessoas da nossa cor não correm na rua, não mexem em bolsa dentro de loja e não têm o direito de fazer as mesmas coisas que gente branca tem (ALMEIDA, 2020). E isso causa uma rejeição a si; então livros como *Amoras* ajudariam a recuperar a autoestima e (re)colocar crianças da nossa cor em seus devidos lugares: onde quiserem estar.

A história do livro vem de um rap de seu álbum *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...* de 2015, que lhe rendeu uma indicação ao Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Urbana em 2016. O livro, ilustrado por Aldo Fabrini, que ilustrou também o livro *E foi assim que eu e a Escuridão ficamos amigas*, também de Emicida, foi dedicado a sua filha, tendo como público-alvo crianças negras, mas o autor já afirmou que é interessante para todas as crianças. O livro pode ser encontrado em livrarias físicas, em sites de venda, e no site oficial do Laboratório Fantasma, gravadora musical que tem como seu principal artista o autor do livro, Emicida.

Há outros livros voltados para o público negro infantil, como *Bucala: A pequena princesa do quilombo do cabula*, de Davi Nunes; *Meu crespo é de rainha*, de bell hooks; *Heroínas negras em 13 cordéis*, de Jarid Arraes; *O mundo no black power* de Tayó, de Kiusam Regina de Oliveira; *As tranças de Bintou*, de Sylviane A. Diouf; *Os nove pentes d'África*, de Cidinha da Silva; *Minha mãe é negra sim!*, de Patrícia Santana, e muitos outros. Mas a escolha de AMORAS se deu por ter esse paralelo com um rap, além de ter sido escrito por um pai, *rapper* e brasileiro, seguindo a proposta de protagonizar vozes marginalizadas, combatendo a colonialidade, produzindo conhecimento a partir de experiências do Sul (RESENDE, 2019) e da pedagogia emancipatória difundida por Paulo Freire (MOITA LOPES, 2006). Dentro da Linguística Aplicada, há a discussão sobre a necessidade de se colocar o Sul (tanto geográfico quanto social) em destaque como uma maneira de fortalecer e trazer o protagonismo para essas “áreas”, como uma “farda” contra-hegemônica.

Então, como tratar questões identitárias no livro a partir da raça como ponto de partida no livro *Amoras*? Quais marcadores sociais da diferença podemos observar a partir das representações verbais e imagéticas no livro? Quais são as intersecções que eles nos trazem? De que maneira pode-se discutir as práticas discursivas e sociais reveladas no discurso multimodal apresentado no livro? *Amoras* usa essas questões identitárias para utilizar o potencial da literatura infantil na superação de relações assimétricas de poder?

Tendo em vista que o objeto de estudo é o conteúdo verbal e imagético do livro, pode-se considerar, então, que o objetivo geral desta pesquisa é:

- Analisar questões identitárias no livro a partir da centralidade da raça como ponto de partida de Amoras.

E isso será investigado através dos seguintes objetivos específicos:

- Descrever marcadores sociais da diferença nas representações verbais e imagéticas do livro e suas intersecções com a centralidade no tema cor da pele;
- Discutir as práticas discursivas e sociais reveladas no discurso multimodal apresentado no texto;
- Avaliar em que medida Amoras usa essas questões identitárias para usar o potencial da literatura infantil para superar relações assimétricas de poder;

O trabalho está organizado em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução, que apresentou a motivação e os objetivos do trabalho, além da metodologia utilizada; o segundo, traz um aparato histórico e conscientização sobre o racismo, violência policial e representatividade no Brasil; no terceiro, apresento as teorias que dão base às análises feitas sobre o livro Amoras; no quarto, apresento a análise dos textos verbal e imagético comentadas em conjunto com a Análise Crítica do Discurso de Fairclough (1995); no quinto e último capítulo, avalio se, de acordo com as teorias, o que foi exposto no aparato histórico e nas análises, os objetivos da pesquisa foram cumpridos e as perguntas respondidas, mas, mais importante, tento fazer uma projeção de como será a vida das crianças que cresceram no mundo de Amoras, com base na minha própria vida, não tendo crescido com essa vivência.

1.1 Procedimentos Metodológicos

Nessa subseção, compartilho os procedimentos metodológicos aplicados no desenvolvimento desta pesquisa. Aqui será exposto o objeto da pesquisa, seu contexto, suas motivações, caracterização e procedimentos de análise.

Inicialmente, foi selecionado o livro "Amoras", do autor Emicida, lançado em 2018. Amoras conta a reflexão de um pai ao mostrar para sua filha amoras escuras, remetendo ao tom de pele das pessoas negras, e dizendo que elas são as mais doces, criando uma ligação entre a pele escura e características positivas. Enquanto o pai reflete e comenta sua reflexão com a menina, ela chega a conclusão de que é bom ser como as “amoras pretinhas”. O livro conta com 36 páginas entre texto verbal e ilustrações, e duas páginas de glossário.

Tratando de uma obra brasileira destinada ao público infantil, principalmente ao público negro, a pesquisa foi motivada pela necessidade de se abordar na academia o racismo e suas faces, além de afinidade pessoal da pesquisadora com o tema.

A afinidade pessoal se dá pela trajetória de vida da pesquisadora, que relembra episódios de racismo ao longo de sua história, e viu nesta pesquisa a oportunidade de refletir acerca dos fatos que formaram quem é hoje. Além da questão pessoal, há uma vontade de que este trabalho contribua para um futuro melhor para as crianças negras, pois a pesquisadora acredita que é educando a base que se muda a sociedade.

Foram definidas as perguntas de pesquisa, traçados objetivos e definidas as teorias com as quais seria feito o trabalho. A partir disso, conclui-se que se trata de uma pesquisa de cunho qualitativo-bibliográfica, por seu caráter analítico e interpretativo.

Foi feita uma recuperação histórica sobre o racismo em suas diversas representações no Brasil, objetivando entender melhor em que contexto se insere um livro infantil sobre uma menina negra. Para tal, foram utilizados inúmeros teóricos, incluindo nosso Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Almeida, Carla Akotirene, Joice Berth, Adilson Moreira, Cida Bento, Sueli Carneiro, Juliana Borges, entre outros, além de informações obtidas em jornais, biografias e websites.

Como teorias para embasar a análise do livro, foram escolhidas a Transitividade na Gramática Sistêmico Funcional de Halliday e Matthiessen (2004) pois queríamos investigar os processos linguísticos presentes no livro; a Gramática do Design Visual de Kress e Van Leeuwen (2006), pela natureza imagética do texto, para que fosse feita a análise dos processos presentes em cada ilustração; e a Análise do Discurso de Fairclough (1995) ser a teoria que uniria as duas anteriores e percorrer o caminho de seu modelo tridimensional, que nos propõe analisar os eventos discursivos de seus caracteres mais básicos, descritivo, aos mais complexos, práticas sociais. Por fim, foram feitas as análises e discussões.

O trabalho foi escrito em primeira pessoa e com proposta de diálogo com o leitor, tendo em vista o caráter de conhecimento corporificado da autora, mulher negra fazendo ciência, citando sempre que possível autores negros como maneira de representar a justiça cognitiva que precisa ser tomada na academia, falamos de nós para todas, todos e todes. Essa forma de escrita busca subverter o gênero de escrita acadêmica e propor uma conscientização maior sobre os problemas enfrentados pela população negra, em especial as crianças, e gerar incômodo nos acomodados.

2 É QUESTÃO DE RAÇA (DES)HUMANA

No Brasil, somos 213,3 milhões de habitantes, segundo estimativa do IBGE¹ em 2021.

Entre esses milhões de habitantes, estima-se que 56% sejam negros (RIBEIRO, 2019). Com esses dados, podemos ver, como Ribeiro disse em *Pequeno Manual Antirracista*, que somos o país com a maior população negra fora do continente africano. Somos, também, um dos países mais racistas do mundo, como será demonstrado através dos dados de violência policial, encarceramento em massa, intolerância religiosa, e outros, ao longo desta contextualização histórica do racismo no Brasil e das análises. Quando, em qualquer situação, se nega que esteja sendo aplicado o filtro do racismo, no país do mito da democracia racial², sabemos que não é verdade. É, sim, questão de raça. De raça desumana.

2.1 “Racismo: ou você combate, ou faz parte.”

Silvio Almeida (2020), atual Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, em seu livro *Racismo Estrutural*, faz uma reflexão que é comumente solicitada aos que trabalham com racismo: olhar ao redor e observar quantas pessoas negras estão em volta e quais são os cargos que elas ocupam. Ele conclui que tanto no ambiente acadêmico, enquanto professor, como na advocacia, ele era uma das poucas, quando não a única pessoa negra que via. Mas quando mudava a lente e olhava para os mesmos ambientes e via os trabalhadores da segurança e da limpeza, via seus irmãos de cor uniformizados, ocupando posições mal remuneradas e invisibilizadas.

¹ Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/08/populacao-brasileira-chega-a-213-3-milhoes-de-habitantes-estima-ibge>. Acesso em: 02 maio 2023.

² O mito da democracia racial surge a partir de análises e críticas da obra *Casa-grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. Nela, o autor tenta difundir a ideia de que o processo de colonização do Brasil se deu de maneira harmoniosa entre os portugueses e os povos originários e os negros sequestrados e escravizados, que a miscigenação ocorreu de maneira espontânea e que, por isso, não haveria racismo no Brasil. A obra falha em abordar uma visão que diverge da obtida pela casa-grande, falhando em mostrar a violência racial que perpassava as relações da época, retratando um país que não condiz com a realidade que conhecemos.

Almeida (2020) se pergunta como ele, um homem negro, só ficou atento a essa realidade depois de estudar e se envolver com atividades políticas. Ele se pergunta o que o levou a normalizar essa desigualdade, a não ver negros ocupando posições de poder. O que leva todos nós a normalizarmos que alguns postos, normalmente de poder, alta importância e remuneração, são ocupados por pessoas brancas, e postos menos prestigiados, mal remunerados e invisibilizados, por pessoas negras?

Para o autor, o racismo é uma forma de racionalidade, de normalidade e compreensão das relações, ele constitui não só as ações racionais, mas também as irracionais (trabalha o consciente e o inconsciente). O racismo trabalha de forma estrutural quando, por exemplo do próprio Silvio Almeida (2020), na economia a carga tributária é maior para os mais pobres, o que acaba fazendo com que o grupo mais afetado não seja apenas de negros, mas de mulheres negras, pois são quem recebem os menores salários.

Mas o racismo estrutural, embora abrace muitas formas de racismo, é apenas uma das facetas desse mal. Moreira (2019) fala sobre o racismo recreativo, que permitiria que pessoas brancas sejam hostis com pessoas negras e afirmem não ser racistas, porque estão agindo com humor. O racismo recreativo é uma prática velada de racismo, uma política cultural que se disfarça de humor para reforçar o racismo que está nas entranhas da história brasileira. Mas essas piadas, quando tocam na pele negra, fazem-na sentir que não merece respeito.

Isso nos leva a reproduzir uma noção de moralidade baseada no tipo de cordialidade racial que a psicóloga explicitou, e isso não é democracia racial, continua sendo opressão. Um dos exemplos do racismo recreativo é o *blackface*, prática popularizada pelos shows de menestréis em que uma pessoa branca se pintava de preto para interpretar um personagem negro, que normalmente tinha características similares aos do personagem Jim Crow: negro ágil, irreverente, engraçado, espirituoso.

Em seu livro, Moreira (2019) nos apresenta três tipos de racismos: o aversivo, o simbólico e o institucional. O racismo aversivo,

De acordo com psicólogos cognitivistas, os sentimentos conscientes e inconscientes que sustentam atitude negativas com relação a negros são ancoradas pelo funcionamento do psiquismo humano. (MOREIRA, 2019, p. 46)

Nós somos/pensamos de maneira “racionalmente” orientada por percepções de classificação e generalização, que são elementos que criam esquemas que nos ajudam a interpretar pessoas e situações. Mas mais que isso, seus conteúdos são formados por “diferentes

representações sociais dos diferentes grupos” (MOREIRA, 2019, p. 46). Assim, mesmo que determinado grupo de pessoas defenda a igualdade formal entre os diferentes, elas vão preferir continuar em suas bolhas sociais e raciais. Assim se manifesta o racismo aversivo: preconceitos sutis, persistentes, que demonstram certo desprazer em conviver com pessoas negras, evitando se relacionar e/ou tratando com certo “distanciamento social”. Quando precisam se relacionar com pessoas negras, racistas aversivos são cordiais, mas não há espontaneidade, há um sentimento de superioridade, que compartilham com as pessoas abertamente racistas.

Há também o termo “racismo simbólico” para comentar como as minorias raciais não são representadas em construções culturais, e isso pode partir tanto de pessoas quanto de instituições. Moreira (2019, p. 48) cita que, para Joel Kovel, essa dimensão do racismo seria parte de um processo psicológico e histórico em que a formação e a transformação do outro são “construídas e transformadas” pela separação de status cultural entre grupos raciais. Moreira ainda cita que Kovel fala sobre símbolos que adquirem sentidos diferentes em culturas diferentes, dando margem para a utilização de tais objetos de maneiras diferentes em contextos diferentes. Os conteúdos simbólicos são parte da formação do ego, que se estrutura a partir da cultura de uma sociedade.

Há, enfim, o chamado “racismo institucional”. Existem práticas institucionais que levam ou não a cor da pele em consideração, afetando alguns grupos raciais de maneira a favorecer outros. Se ocorrem atos de racismo entre civis, esses atos discriminatórios constituem apenas atos interpessoais, e são racismo aberto e individual; no entanto, se atos racistas são praticados por pessoas enquanto representantes de instituições contra minorias raciais, e prejudicam a vida social dessas minorias, constitui racismo institucional.

Enquanto o racismo direto é intencional, o institucional nem sempre é, ele se torna parte do inconsciente do funcionamento de uma empresa, por exemplo, que já ficou “cega” com relação a falta de diversidade ou de políticas que priorizam a maioria racial (branca) em detrimento das minorias raciais.

Na próxima subseção é abordado o mito da democracia racial e o racismo velado que está presente na nossa sociedade.

2.1.1 O Mito da Democracia Racial

Para entender por que a democracia racial é um mito, precisa-se entender o que ela é. E explicando brevemente, é o conceito que nega que exista racismo no Brasil. Apesar de não ter utilizado a expressão em sua obra, o termo “democracia social” vem de Casa-Grande & Senzala,

de Gilberto Freyre, e o fato de ser um mito vem das críticas à obra. A democracia racial prega que não há estruturas sociais, culturais ou políticas que privilegiam as pessoas brancas em detrimento das pessoas negras. A democracia racial entende que há problemas estruturais ligados a sexo (gênero) e classe social, mas nega que exista racismo, ou que haja intersecção entre essas questões com a cor da pele, aumentando o problema. Essa falácia, no Brasil, já era denunciada por Abdias do Nascimento desde os anos 70 (BORGES, 2019).

Em Casa-Grande & Senzala, Freyre retrata de maneira romantizada a relação entre os povos nativos, os africanos sequestrados e escravizados, e os senhores de engenho. Mas hoje se sabe que essas relações foram enraizadas na dominação por parte dos portugueses, no racismo, e na violência.

Em 1888 foi assinada a lei que abolia a escravidão no Brasil, mas sabemos que ela de fato não acabou, como vimos com o caso de Madalena Gordiano. Em 2021 o El País publicou uma matéria sobre Madalena, uma mulher negra que foi resgatada após quase quarenta anos de trabalho análogo a escravidão na cidade de Patos de Minas, em Minas Gerais. A história é a mesma de sempre, uma menina negra que começa a trabalhar muito cedo (no caso, 8 anos) e uma família branca acaba “pegando pra criar”. A denúncia do MPF, segundo o G1 Triângulo Mineiro, leva em consideração os 15 anos que trabalhou para o filho da mulher responsável pela sua condição e sua família. Antes disso, ela havia trabalhado para tal mulher e sua família, no sudeste de Minas.

Madalena começou a trabalhar para os denunciados em 2005, mas em 2006 foi levada para outra cidade, perdendo completamente o contato com sua família, e contra a sua vontade. De acordo com a matéria publicada no El País, ela nunca teve salário, férias ou folgas, tanto que quando foi encontrada estava com 46 anos, cabelo raspado e dificuldade de comunicação. Além de mantê-la cativa, a transformaram em fonte de renda ao obrigar que ela se casasse com um parente da família, já idoso, quando ela ainda tinha vinte e poucos anos. Ele tinha 78 anos e uma gorda pensão militar, mais de 8 mil reais mensais, mas apesar de esse dinheiro ser de Madalena, ela não via a cor. Esse dinheiro pagou pelo curso de medicina da filha da matriarca. A mudança anteriormente mencionada demonstra um costume antigo, pois era comum entre senhores de escravizados, dá-los de presente aos filhos quando casavam, pois eram bens, patrimônio. Não eram pessoas.

Ela pedia, com bilhetes por baixo da porta, a vizinhos no prédio dinheiro para comprar sabonete e produtos de higiene pessoal. Quando seu “senhor” foi entrevistado, ele disse que não a incentivou a estudar porque não achou que aquilo “a beneficiaria”, e que ela era “como família”.

Madalena, conhecida na internet como Madah, teve suas correntes quebradas por intermédio de um vizinho anônimo, e assim pôde desfrutar do Natal com outras mulheres em um abrigo, podendo posteriormente se reunir com alguns dos irmãos com quem mendigava muito antes.

Em sua vida nova, pôde ver o mar pela primeira vez, retomou os estudos e começou a cuidar do cabelo, uma pequena vaidade para nós, que vivemos livres, um grande momento para ela, que vivia em cativeiro. Passou também a receber a pensão que lhe era devida. E sua mais recente publicação no Instagram foi de 23 de janeiro de 2023, um vídeo em que ela brinca num parque de diversão. Sua bio é “Sou Madalena, mas para os íntimos sou Madah! É Hora de voar!” e o emoji de uma borboleta. Em um acordo trabalhista feito com a família que a explorava, foi previsto que ela recebesse o apartamento, avaliado entre 400 e 600 mil, o carro, avaliado em 70 mil, e 20 mil reais em dinheiro, que pertenciam aos seus antigos “senhores”.³ Enfim, livre.

Madalena também recebeu uma homenagem da Câmara Municipal de Uberlândia, a Comenda Zumbi dos Palmares, que é entregue a pessoas que tiveram destaque na luta contra o racismo.

Mas Madah não é um caso isolado, segundo o site Escravo Nem Pensar, “No Brasil, 95% das pessoas submetidas ao trabalho escravo são homens. Geralmente, as atividades para as quais esse tipo de mão de obra é utilizado exigem força física, por isso os aliciadores buscam principalmente homens e jovens. Por outro lado, mulheres também são recorrentemente expostas a essa prática criminosa. Apesar de representarem somente 5% dos resgatados na média nacional, há contextos em que as mulheres compreendem parcela significativa do total, como no setor têxtil em São Paulo, além de estarem sujeitas a subnotificação em atividades como o trabalho doméstico e sexual”⁴.

A Lei Áurea não foi uma decisão rápida, pois ela só foi implementada depois da lei que impedia o tráfico de negros para o país, depois da Lei do Ventre Livre, da Lei do Sexagenário,

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2021/07/14/resgatada-de-situacao-analoga-a-escravidao-em-patos-de-minas-madalena-fecha-acordo-com-familia-rigueira.ghtml>. Acesso em: 02 de maio de 2023.

⁴ Disponível em: <https://escravonempensar.org.br/o-trabalho-escravo-no-brasil/> Acesso em 15 de outubro de 2023.

e, por fim, a abolição. Tudo isso em contexto de rebelião dos escravizados, com a resistência negra sendo cada vez maior. O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão.

A assinatura da Lei Áurea não garantiu aos escravizados que lhes seria oferecido o apoio necessário para que iniciassem uma vida digna. Então, apesar de terem legalmente deixado de ser escravizados, acabavam fazendo os mesmos trabalhos que faziam por pouco ou nada.

No Brasil não se celebra o dia 13 de maio, dia em que foi assinada a Lei Áurea, como dia de festa, porque nenhuma medida foi tomada para inserir os recém ex-escravizados na sociedade. Comemora-se, no entanto, o dia 20 de novembro, data em que se acredita ter sido a execução de Zumbi dos Palmares, e chama-se Dia da Consciência Negra, o mês de novembro geralmente é dedicado a movimentos de conscientização da população em geral sobre a população negra e os problemas que ainda enfrentam, além de divulgação da cultura dos povos afro-brasileiros. Não é ainda considerado um feriado nacional, mas na Bahia, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Paraná, Santa Catarina e Tocantins há ao menos uma cidade onde o Dia da Consciência Negra é feriado municipal, assim como alguns outros estados⁵. Nos Estados Unidos, Juneteenth⁶ se tornou feriado nacional em 2021, com uma lei assinada por Joe Biden. Então nos resta esperar que aqui chegue o dia em que o Dia da Consciência Negra será também feriado nacional.

O uso da abolição e do Dia da Consciência Negra é fortemente explorado por empresas que pregam diversidade, como se estivessem dando oportunidades às pessoas negras, mas na realidade não aplicam o que pregam, como denuncia Cida Bento (2022) em seu livro “O Pacto da Branquitude”. Por exemplo, empresas que dizem prezar pela diversidade para vender produtos, mas no quadro de funcionários, e pior, nos cargos mais altos, não contam com essa “diversidade”, são compostas por pessoas brancas. Esse pacto silencioso só mostra a urgência de subvertermos o fenômeno e, enquanto negras e negros, criar uma rede silenciosa que eventualmente levará alguns de nós ao topo.

⁵ <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/09/13/feriado-de-20-de-novembro-veja-quais-estados-celebram-a-consciencia-negra.htm#:~:text=Estados%20que%20celebram%20a%20Consci%C3%Aancia%20Negra&text=Al%C3%A9m%20desses%20estados%2C%20Bahia%2C%20Esp%C3%ADrito,Consci%C3%Aancia%20Negra%20%C3%A9%20feriado%20municipal.>

⁶ Nos Estados Unidos da América se comemora no dia 19 de Junho o Dia da Emancipação, ou Black Independence Day. Apesar de Abraham Lincoln ter assinado a Proclamação da Emancipação em 1863, foi só em 1874 que o último estado aboliu de fato a escravidão. Em 2021 Juneteenth se tornou o segundo feriado nacional, depois do Dia de Martin Luther King Jr. que foi adotado em 1983.

Cida Bento (2022) aponta para o fato de se falar muito das consequências negativas que o período escravista deixou para as pessoas negras, mas pouco se fala sobre os benefícios que deixou para as pessoas brancas.

No âmbito do racismo institucional, Bento (2022) descreve dois momentos de sua pesquisa: seu mestrado e seu doutorado. Ela procurava entender o processo do racismo institucional e a maneira como as desigualdades interseccionais de gênero e raça estão presentes em ambientes corporativos. Buscou ouvir pessoas negras e brancas, funcionários, e pessoas que ocupavam cargos de RH e líderes intermediários (e os colocou como visões opostas).

No mestrado, reuniu relatos de mulheres e homens negros de determinada área do mercado de trabalho e, por meio de tais relatos, pôde observar as práticas discriminatórias que os afetavam no ambiente profissional, além dos mecanismos de defesa e resistência que utilizavam.

Já a pesquisa com profissionais de RH se deu em seu doutorado. Ambas formaram um mesmo projeto, sobre a “exclusão, sub-representação e genocídio da população negra”. Analisando o comportamento das pessoas em grupos nas organizações, pôde pôr em ordem as atividades focadas na dimensão subjetiva do racismo no ambiente de trabalho.

Em sua pesquisa, ela relata um encontro com uma psicóloga organizacional, mulher branca, que não negou seu racismo, mas que se fosse uma pessoa competente, por mais “estranha” que fosse ser a convivência, não teria problemas com a contratação.

Na próxima subseção será abordada a questão religiosa no Brasil, como são tratadas as religiões de matriz africanas e as consequências disso.

2.1.2 *Chuta que é macumba! Chuta?*

‘Chuta que é macumba’
Chuta mesmo, chuta sim,
Até porque o Egum corre atrás de você
E não de mim.
Já pensou se eu decido
Me vingar de você?
Dar cigarro e cachaça de encruzilhada
Pra você fumar e beber?
Já que você não acredita
Nada ia acontecer.
(Lucas Koka Penteado)⁷

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P2WBleGXdDs>. Acesso em: 02 de maio de 2023. Texto completo pode ser encontrado nos anexos.

As religiões de matriz africanas no Brasil, desde a chegada dos portugueses e o sequestro e escravização de africanos, sofrem forte repressão, o que gerou preconceito e tornou essas religiões alvo de violência. Mas, como diz Penteado em sua rima, é tudo uma questão de crença, e se não se acredita nessas religiões, nada acontece com quem as discrimina. Então por que continuar discriminando?

Em nome das religiões de tradição judaico-cristãs, muita gente que não se encaixa nesse padrão sofre diariamente preconceito, principalmente quando se trata de pessoas que pertencem às religiões de matrizes africanas ou afro-indígenas. O Estado brasileiro é laico, mas em todos os prédios oficiais têm alguma representação do cristianismo. A Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, [2016]), em seu Título II, Capítulo I, Art. 5º, garante o direito de livre expressão de crenças e religiões, proteção de templos, assistência religiosa, e também a não privação de direitos por causa religiosa, filosófica ou política, desde que se cumpram os deveres civis e políticos e que não haja recusa das acomodações quando necessárias. Então, constitucionalmente, todas as expressões religiosas estão protegidas, mas na prática, a constituição não é respeitada.

A história do cristianismo é coberta pelo sangue daqueles ditos hereges, dos que sofreram com a inquisição no passado, e com as inquisições modernas, com as alianças perversas entre Estado e Igreja, dos acusados de bruxaria; e a punição a desertores de um Estado-Religião data do Código de Hamurábi (NOGUEIRA, 2020).

Dentre as mais diversas formas de racismo que vivemos, talvez a mais marcante na obra analisada seja o racismo religioso. Já adianto que o livro *Amoras* foi vandalizado por uma mãe na Bahia com indicações de textos bíblicos e outras referências ao cristianismo. O livro estava sendo usado em uma escola particular no estado e essa mãe sentiu necessidade de "corrigir" as partes que falam abertamente sobre religiões não ligadas ao cristianismo.

No livro *"Intolerância Religiosa"*, de Sidnei Nogueira (2020), o tema é abordado em partes: a história da intolerância, o ser um tentáculo do racismo, e a epistemologia negra como possibilidade de desconstrução do racismo religioso.

Nogueira (2020) aponta para a estigmatização das religiões não centradas no cristianismo, e esse fenômeno serve para "excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio" (NOGUEIRA, 2020, p.19). Aponta ainda que, segundo Ainslie, Becker e Colman (1986), faz com que as pessoas que estão fora do "normal e prestigioso" grupo da sociedade nunca sejam aceitas.

A intolerância religiosa tem seu berço na colonização do Brasil, e criou uma ideia fantasiosa de democracia religiosa e laicidade, mas não há como sermos um Estado laico

quando há representações do cristianismo em prédios públicos (claramente há um viés cristão no governo). Os Jesuítas, ao violentar os indígenas os convertendo a sua fé com a catequese, e os ensinando a ler e escrever em português, ao invés de suas línguas maternas, serviu aos interesses portugueses deixando claro que apenas a Lei de Portugal, o Rei de Portugal e a fé-religião Católica Apostólica Romana seriam tolerados. Assim começou o apagamento das crenças originárias e de origem africanas, por não serem eurocentradas.

Ainda na obra de Nogueira, ele fala que o Padre Manuel da Nóbrega era explícito sobre como via os Tupis com relação à religião

É gente que nenhum conhecimento tem de Deus, nem ídolos, e que nenhuma coisa adora, nem conhecem a Deus; somente aos trovões que chamam de Tupã, que é como dizer coisa divina. (LEITE, 1955, p. 20, apud NOGUEIRA, 2020)

Hoje, quando falamos em "intolerância religiosa" estamos nos referindo à ideologia e atitudes que ferem crenças, rituais e práticas consideradas não hegemônicas (NOGUEIRA, 2020), e à falta de respeito e reconhecimento das crenças alheias, o que pode configurar crime de ódio, por ferir a liberdade humana (BRASIL, 1989).

Interessante considerar que os próprios cristãos já foram perseguidos um dia, e também os Judeus que os perseguiram, então a história da intolerância é muito antiga, e quase sempre motivada pela ideia equivocada de que há uma crença ou um povo superior a outro, sempre na busca por poder.

Recusar-se a aceitar o outro como é, com suas crenças e toda sua complexidade, é questão completamente ligada ao preconceito, e isso não é natural ao ser humano, mas socialmente construído, emergente de uma postura histórico-social e cultural que busca segregação e dominação, em busca de manter um padrão de suposta idoneidade, prestígio e poder.

O preconceito, por sua vez, está intimamente ligado ao etnocentrismo, que busca privilegiar determinadas representações socioculturais em detrimento de outras, gerando assim violência física e simbólica, disfarçada. Criou-se assim a "cultura hegemônica" e a "cultura subalterna", tudo que não cabe no espaço hegemônico do cristianismo vira marginal e aberto a violência, mas isso só acontece por causa do medo de a "cultura hegemônica" ser ameaçada. Nogueira lembra que

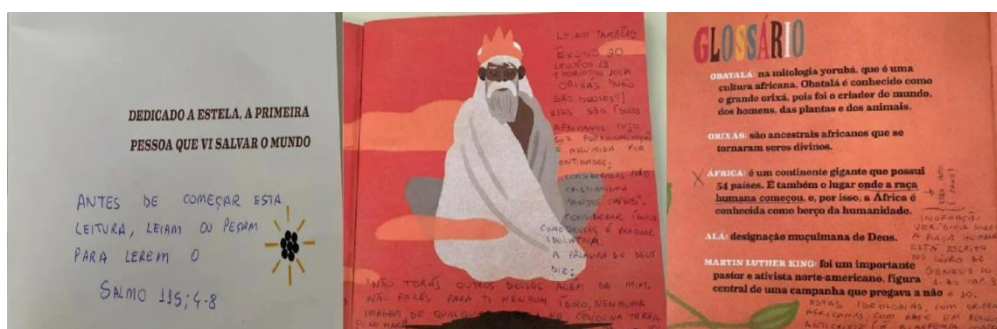
[...] renegar o Outro é de certa forma afirmar a própria identidade a partir dessa negação. Por conta da negação da religião e da cultura do Outro, a humanidade

assistiu, no decorrer de sua história, a violações frequentes à chamada liberdade religiosa (NOGUEIRA, 2020, p.43)

Há um ciclo de perseguição aparentemente interminável, porque quando "aqueles que foram perseguidos por sua crença, quando se unem ao poder, passam a propagar perseguições tão ou mais violentas quanto as que sofreram" (NOGUEIRA, 2020) e isso é reflexo de uma educação não emancipatória, quando o oprimido busca se tornar o opressor (FREIRE, 1987).

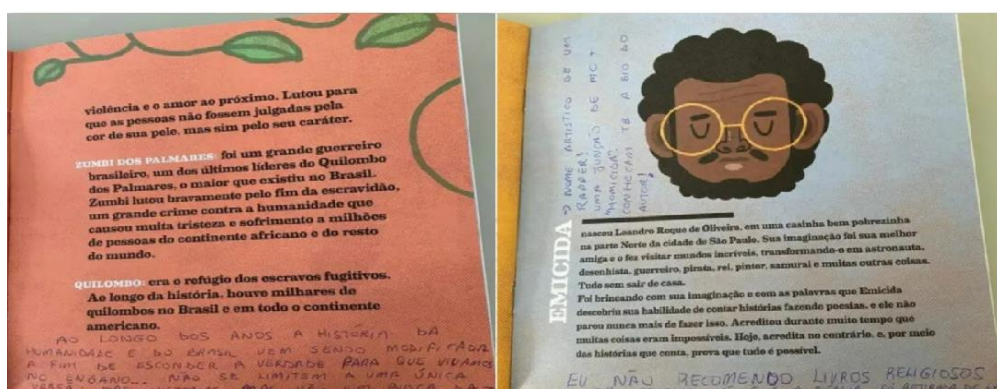
No livro Amoras há representações de diferentes religiões não ligadas ao cristianismo, e isso fez dele um alvo de ataques. Um dos mais recentes e publicizados, foi feito por uma mãe ao vandalizar o livro, que estava sendo usado em uma escola particular da Bahia com citações bíblicas⁸.

Figura 2: Livro Amoras vandalizado



Fonte: ibahia.com

Figura 3: Livro Amoras vandalizado



Fonte: ibahia.com

Esse vandalismo, e outros atos de desrespeito às entidades representadas no livro, mostram com parte da nossa sociedade não só não está preparada, mas não está disposta a ser respeitosa e receptiva à culturas religiosas diferentes da estabelecida como hegemônica

⁸ Disponível em: <https://www.ibahia.com/salvador/livro-infantil-do-rapper-emicida-e-vandalizado-e-criticado-por-mae-de-aluno-em-salvador> Acesso em 10 de julho de 2023.

(cristianismo). Os documentos que regem a educação no país buscam colocar pluralidade no currículo, e o ensino da cultura afrobrasileira em escolas já é lei, mas encontra resistência de/por parte da população.

Ocultar do conhecimento das crianças a diversidade cultural e religiosa do país, é privá-las de ter a possibilidade de acessar ideias com as quais poderiam se identificar.

Na próxima subseção, demonstro a desigualdade econômica e social da população negra no país com relação ao resto da população, além de como as pessoas negras sofrem com a violência policial, a guerra às drogas e outros fatores.

2.1.3 *“Enquanto a terra não for livre, eu também não sou”*

Quando Sueli Carneiro (2011) publicou “Racismo, Sexismo e Desigualdade” parecia prever o que aconteceria no Brasil com relação aos movimentos neonazistas. Naquele tempo houve mobilização das minorias representativas e o problema da época, os skinheads, foi mais ou menos “resolvido”.

Hoje, após os últimos 4 anos, essas pessoas preconceituosas, violentas, homofóbicas, racistas, com todas as qualidades ruins de seus líderes, se sentiram confortáveis para destilar ódio e vandalizar em um ato terrorista os prédios dos três poderes no dia 8 de janeiro de 2023. Ainda dentro das previsões de Carneiro (2011), ou simplesmente porque esses eventos são cíclicos, no meio dos grupos explicitamente racistas, havia negros. O preconceito e os valores contrários às suas necessidades foram incutidos na mente dessas pessoas negras, e elas acabaram se manifestado a favor do que as mata todos os dias.

Sueli Carneiro (2011) cita a frase “a injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todo lugar”, e isso me lembrou uma frase da música Principia, de Emicida, “enquanto a terra não for livre, eu também não sou”.

De acordo com Sueli Carneiro (2011), Fernando Henrique Cardoso, durante seu mandato, se reuniu com os governadores dos estados com menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) para promover políticas públicas para juventude, contra trabalho infantil, promover renda mínima, enfim, auxiliar os estados para ajudar o país a crescer. Eram 14 estados. Curiosamente, não havia políticas públicas voltadas para os mais vulneráveis - a população negra.

No plano anunciado por FHC não havia políticas para a população negra, apesar de todos os 14 estados beneficiados terem a maior parte da população composta por negros ou pardos, resumindo esses grupos a um total de 35.195.735 pessoas.

Mas como elaborar políticas públicas sem levar em consideração a maior parcela da população e a desigualdade econômica e social que pairam nessa atmosfera? Até então o governo ainda parecia acreditar que beneficiando a todos, estaria beneficiando igualmente a população negra. Mas os índices de educação, por exemplo, mostravam que essa não era a realidade.

Em 1997, a taxa de analfabetos da população negra acima de 15 anos era 20,8% e da população branca, 8,4%. Para os negros entre 7 e 22 anos que frequentavam a escola, o índice de escolaridade era de 77,7%, enquanto a população branca da mesma idade era igual a 84,7% (CARNEIRO, 2011, p. 51).

Carneiro (2011) também argumenta que a educação é o maior bem emancipatório que qualquer pessoa pode ter, mas com tais números, a população negra continuará subjugada.

Se os formuladores de políticas públicas e lideranças políticas do país assumissem para si a responsabilidade de atender adequadamente a população negra brasileira, certamente o IDH brasileiro seria bem mais elevado. Finalmente estaríamos livres de constrangimento por ter o IDH da população negra cinco posições abaixo da África do Sul, país que até recentemente viveu sob o regime do apartheid (CARNEIRO, 2011, p. 52).

“Pobreza no Brasil tem cor” é uma afirmação difícil de refutar. A existência de dois brasis também. Isso foi concluído por Carneiro a partir do estudo “Desenvolvimento humano e desigualdades étnicas no Brasil: o retrato de um século”, que o economista Marcelo Paixão apresentou no II Foro Global Sobre Desenvolvimento Humano.

Em junho de 2010 o Bird em conjunto com o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e o Diálogo Interamericano, organizaram a mesa redonda “Raça e Pobreza” em Washington, com a presença do Brasil, Colômbia, Honduras, Nicarágua, Perú, Uruguai e Venezuela. A pauta principal era raça e a pobreza na América Latina, produzindo diálogos e reflexões acerca dos efeitos da globalização e políticas econômicas sobre a população negra na América Latina, e o que poderia ser feito para diminuir os impactos negativos.

Ainda em 2010 o Escritório Nacional Zumbi dos Palmares e a comunidade Bahá'í do Brasil organizaram um seminário cujos resultados se sintetizam na fala do Dr. Roberto Martins, então presidente do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), admite que os dados da população negra brasileira demonstram a necessidade de políticas públicas priorizando tal grupo.

Apesar de todas e todos e falas, o Fórum que estava programado pelo Banco Mundial Para acontecer em Brasília não citava especificamente situação vulnerável dos afro-brasileiros, citava o combate à miséria e a inclusão social, mas sabemos que o fato de não citar diretamente a população negra a faz cair no esquecimento.

Cair no esquecimento, para a população negra, é algo extremamente problemático não apenas economicamente, mas também socialmente. Vivemos num país extremamente racista e com uma polícia altamente violenta.

Sabe, quando eu era mais nova, os professores costumavam perguntar às crianças o que elas queriam ser quando crescessem. Algumas diziam “famoso/a”, eu fui uma dessas crianças. Mas agora eu mudei a minha resposta. O que eu quero quando eu crescer é estar viva. (Trecho de “Minha pele não é uma ameaça”, de JOLIA BOSSETTE, 11 anos)⁹

O medo crescente da população negra no mundo reflete-se também no pensamento das crianças. Mães, pais e responsáveis dão instruções claras nas periferias sobre como agir em caso de abordagem policial, e as pessoas negras que não moram nas periferias sofrem com o estereótipo equivocado que se arrasta desde o período colonial.

No Brasil, temos quatro tipos de polícia: a Polícia Federal, a Polícia Rodoviária Federal, a Polícia Civil, e a Polícia Militar, e muito se fala sobre a brutalidade policial. Mas ela não surge apenas de policiais que “gostam de guerra”, mas de profissionais despreparados seguindo ordens de autoridades que não tem interesse em manter a segurança dos cidadãos, mas em lucrar com políticas proibitivas e com o encarceramento. Eu cresci ouvindo música que sofreu censura durante a ditadura, ouvindo rock brasileiro, música “politizada”, e por algum motivo ninguém era muito feliz com a polícia.

No site do PT¹⁰ (Partido dos Trabalhadores), em 29 de junho de 2022, foi publicado que o Anuário Brasileiro de Segurança Pública apontava um aumento de mortes da população negra em 2021, que os negros correspondiam a 84% das mortes em ações policiais no Brasil.

A partir de agora será usado o termo “extermínio” da população negra, porque, no país que se diz igualitário, de um povo alegre e receptivo, morrem mais de 30 mil jovens por ano, e

⁹ Texto completo pode ser encontrado nos anexos. Tradução minha.

¹⁰ Disponível em: <https://pt.org.br/negros-sao-84-das-pessoas-mortas-em-acoes-policiais-no-brasil/> Acesso em: 02 de maio de 2023

desses, 23 mil são negros (BORGES, 2019). Isso é decorrente da violência cotidiana, e a maior parcela das mortes ser de negros não pode ser coincidência.

Abordando um tema tão relevante e relacionado com a brutalidade das forças policiais, trago dados sobre o encarceramento da população negra no país. Primeiro precisamos compreender que o Brasil é o país com a terceira maior população carcerária do mundo. Segundo o projeto "Cidadania nos Presídios", a Universidade de Essex, no Reino Unido, estudo indica que a média mundial de encarceramento é de 144 presos para cada 100 mil habitantes. No Brasil, esse número é bem maior, são 300 presos.

Nos presídios há um déficit de vagas que acaba tornando esses lugares que, em teoria deveriam ser locais para reabilitação para fazer essas pessoas não voltarem a cometer crimes, em locais inóspitos - falta espaço, higiene (e onde não tem higiene, tem doença), profissionais bem treinados... Nessas circunstâncias, 7 entre cada 10 pessoas que conseguem sair das penitenciárias são presos novamente. Esses dados foram encontrados no site do Conselho Nacional de Justiça (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, [ca2000]).

Mas nem todos os presidiários do país são negros. Estes foram dados gerais. Os próximos dados, de 9 de julho de 2020, também retirados do site do Conselho Nacional de Justiça, ajudam a colocar em perspectiva a situação da população negra encarcerada no Brasil. Durante o painel "Negros no Sistema Carcerário e no Cumprimento de Medidas Socioeducativas", mediado pelo conselheiro Mário Guerreiro, do "Seminário Questões Raciais e o Poder Judiciário", organizado pelo próprio CNJ, foi destacado que o "racismo velado que faz com que o negro já seja considerado criminoso, antes mesmo de ser processado" (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2020).

Praticamente toda a população carcerária do Brasil é negra. É algo que chama a atenção e precisa ser estudado” enfatizou o conselheiro. A informação foi reforçada pelos dados apresentados por Edinaldo César Santos Junior, coordenador executivo do Encontro Nacional de Juízas e Juizes Negros (ENAJUN) e juiz do Tribunal de Justiça de Sergipe (TJSE). “Cerca de 63,7% da população carcerária brasileira é formada por negros. E isso são dados de 2017 do Departamento Penitenciário Nacional (Depen)”, afirmou. “Por que será? Por que são pobres? Por que a maioria dos pobres é negra? O encarceramento tem cor.” O magistrado fez uma retomada histórica da segregação racial no Brasil, destacando que existe uma política de Estado de aprisionamento de negros, destacando que o sistema prisional os rotula como criminosos. “Nós mantemos as castas raciais a partir do sistema prisional ao ignorar as circunstâncias sociais e históricas da população negra”, completou Santos Junior. “É o delito de ser negro.”

Ao passo que os homens encarcerados dominam os números e estudos do sistema criminal, não se dá atenção à situação da mulher nesse contexto, especialmente da mulher negra,

que é maioria na aplicação dessas punições. A situação da mulher no sistema prisional foi determinada pelo patriarcado e sofre invisibilidade dupla: tanto pelo fato das prisões serem os ambientes já mencionados, quanto por serem mulheres.

Santos (2014) aponta que o encarceramento de mulheres precisa ser analisado tanto pelo lado do sexismo quanto pelo lado do racismo¹¹, pois a polícia se mostra arbitrária ao punir mulheres negras de camadas sociais menos favorecidas. O número absoluto ainda é baixo, são 35.218 mulheres (InfoPen Mulheres, 2015, apud BORGES, 2019, p. 93) no segmento prisional feminino, que entre 2000 e 2014 aumentou 567,4%, ao passo que o contingente masculino aumentou 220% (InfoPen Mulheres, 2015, apud BORGES, 2019, p. 93).

A cor da pele se mostra também um fator importante nas prisões femininas, como foi mostrado nas prisões masculinas. 68% das mulheres encarceradas são negras, 3 em cada 10 são provisórias, e dados ainda piores: 50% não concluíram o ensino fundamental, 50% são jovens de em média 20 anos (Estatuto da Juventude, 17 a 29 anos, apud BORGES, 2019, p. 94).

Uma informação pertinente quando se fala da diferença no encarceramento de homens e mulheres: enquanto os homens começaram a cumprir penas em prisões, as mulheres foram internadas em hospitais psiquiátricos e conventos. Então, enquanto para o homem a criminalidade era considerada uma coisa normal, que poderia ser tratada na esfera jurídica, para as mulheres era considerada uma coisa anormal, que requeria tratamento médico e remédios. E até hoje as mulheres são a maior parte da sociedade que consome remédios para controle de doenças psiquiátricas, e que mais apresentam doenças mentais. (BORGES, 2019, p.95)

O encarceramento não tem o intuito de reabilitar, como deveria ter. É apenas privação de liberdade. E para reforçar a privação da liberdade se faz uso da violência física e psicológica, afetando as mulheres de maneira extremamente intensa. Sendo as prisões locais inóspitos em que há violência também sexual, o HIV/AIDS tem o aumento de chances de ser contraído, e não há tratamento adequado dentro das penitenciárias. Segundo o InfoPen, há apenas 32 ginecologistas para atender a demanda carcerária de mulheres no Brasil (BORGES, 2019, p.100), e isso aponta também para a violência obstétrica que as mulheres negras sofrem no Brasil, encarceradas ou não

Uma análise sobre as disparidades raciais nos cuidados obstétricos observou que, quando comparadas às brancas, as mulheres que se autoclassificam como pardas (a partir da classificação do IBGE) apresentam maior risco de pré-natal com menos consultas e ausência de acompanhante. As que se classificam como pretas, além dos riscos anteriores, são maioria entre as que relatam ausência de

¹¹ Injúria racial (que agora assume também a proteção da comunidade LGBTQIA+) é um crime individual, enquanto racismo é coletivo, sendo ambos inafiançáveis e imprescritíveis.

vínculo com a maternidade de referência, peregrinação e que apresentam riscos mais elevados de não receber anestesia local quando realizada a episiotomia. Analisando os percentuais de mulheres que relataram violência verbal, física ou psicológica no atendimento ao parto, esses foram maiores para as negras, de menor escolaridade, com idade entre 20 e 34 anos e nordestinas. No pós-parto, as mulheres negras são mais vulneráveis ao risco de infecção no sítio cirúrgico após a cesariana, agravo que tem íntima relação com a baixa qualidade dos cuidados puerperais (LIMA; PIMENTEL; LYRA, 2021).

Um outro problema que deixa evidente a violência e o sadismo vexatório da estrutura punitiva do sistema prisional são as revistas íntimas, em que as mulheres não têm controle algum sobre os seus próprios corpos, cedendo involuntariamente esse controle às pessoas que exercem poder e humilhação. Muitas mulheres, mães, filhas, esposas, deixam de visitar homens em penitenciárias para não passar por tal situação.

E ainda com relação ao encarceramento de mulheres, muitas estudiosas estão comentando a "guerra às drogas", e ela aparece sempre como um fator de aumento nas prisões. Com as mulheres, isso não seria diferente. Segundo Borges, 62% das mulheres encarceradas estão respondendo por crimes relacionados às drogas, enquanto o percentual de homens cai para 26%. A Lei nº11.343, a chamada "Lei de Drogas" de 2006, foi responsável por um aumento exponencial no encarceramento no país (BRASIL, 2006).

Mas a chamada "Guerra às Drogas" é mais antiga do que pensamos, e motivada pelas questões erradas. Aqui no Brasil, a primeira droga a ser proibida foi a Cannabis, em 1890. Em 1888 havia sido abolida a escravidão, em 1889, proclamada a República, e, antes de sua Constituição entrar em vigor, foi instaurado o Código Penal e uma seção em particular: Seção de Entorpecentes Tóxicos e Mistificação. Essa medida não buscava proibir o uso de um entorpecente apenas, que havia sido trazido pelos sequestrados e escravizados para o Brasil, o chamado "fumo d'Angola", mas proibia também a capoeira e os cultos de religiões de matrizes africanas. Foi um movimento regulador racista imediatamente após a abolição (BARROS, PERES, 2011).

A lei de 2006 substituiu a Política Nacional de Drogas, e integrou os estados com relação a essa política pública. Ela trouxe a diferenciação entre usuário e traficante, e se aproxima mais de uma política de saúde pública no caso do usuário. O usuário não pode mais ser preso em flagrante, responde a penas alternativas e assina um termo circunstanciado. Já para o traficante, a punição ficou de 5 a 15 anos de detenção, e condenados por tráfico não podem se beneficiar de extinção de pena. Mas a pergunta fica: quem decide quem é usuário e quem é traficante? Quem vai acreditar que uma mulher negra com um pouco de alguma substância ilícita é usuária

e não traficante? As intersecções que perpassam a vida dessa mulher negra, periférica e pobre, tiram dela qualquer chance de ser enquadrada como usuária.

No artigo 28 dessa lei está escrito que o juiz decidirá se a droga está destinada ao consumo pessoal ou ao tráfico, e para essa decisão terá como base "a natureza, quantidade, local, condições da apreensão, circunstâncias pessoais e sociais, além da conduta e antecedentes da pessoa analisada" (BORGES, 2019). Mas quem faz o boletim de ocorrência com essas informações?

Segundo a Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas (INNPD), a lei não pretende dismantlar a rede de tráfico ou tirar os usuários das drogas. Além disso, estudos mostram que muitas mulheres são presas em operações que na realidade visavam prender parceiros ou familiares, mas são detidas por associação ao tráfico.

Os mais jovens são ainda os que mais sofrem com a política de drogas atual, seja por serem aliciados pelo tráfico cada vez mais cedo, ou por perderem referência paterna ou materna para prisões injustas. Além disso, há a Fundação CASA (ou, como a que temos no meu bairro, o CEA), a antiga FEBEM.

Nos centros de “acolhimento/reeducação de menores infratores”, a situação não é muito diferente das penitenciárias “adultas”. Há relatos de tortura na Fundação CASA/SP¹², e na minha própria cidade o Ministério Público do Estado da Paraíba, em 2021, pediu a interdição do CSE para correção de irregularidades¹³.

Figura 4: Precarização do CSE, João Pessoa



Fonte: Portal Correio

¹² Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2009-jun-07/barbarie-tortura-continua-ainda-quem-tolere-pratica?pagina=3> Acesso em 10 de julho de 2023.

¹³ Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/mppb-pede-interdicao-do-centro-socioeducativo-edson-mota-cse-para-correcao-de-irregularidades/> Acesso em 10 de julho de 2023.

Locais que novamente, em teoria, propõe a reabilitação, dessa vez de um público que ainda não atingiu a maior idade, acabam sucateados, e seus jovens sofrendo com a violência de gangues¹⁴, que não estão apenas nas instituições para maiores.

Na próxima seção, abordo questões como empoderamento e interseccionalidade, sempre voltadas para a questão da mulher negra na sociedade.

2.2 Empoderamento e Interseccionalidade: “Quando disser que vi Deus, ele era uma mulher preta”

Djamila Ribeiro (2018) afirma que o feminismo negro começou a ganhar força entre 60 e 80, porque começou a existir a “literatura negra”, tudo por conta da fundação da National Black Feminist em 73 nos EUA. Mas em 1851 Sojourner Truth já anunciava que a luta não seria fácil, já denunciava a diferença na vida das mulheres brancas e negras, e também a diferença em suas lutas.

No Brasil o feminismo negro começou a ganhar forças nos anos 80, mas ainda encontra resistência de feministas brancas, por acreditarem que a questão do racismo não é uma pauta que deve ser priorizada no movimento, e não reconhecerem seus privilégios. Entretanto, há seguimentos que percebem que há interesses em comum e que segregar não é a solução para o movimento, especialmente com a violência sofrida pelas mulheres brancas em suas residências, e pelas negras e pobres que acabavam levando a culpa por prisões por tráfico de drogas por estarem associadas a seus cônjuges.

Lélia Gonzalez, pioneira em muitas coisas, já sabia o que era interseccionalidade antes mesmo de ter nome. O termo foi cunhado por Crenshaw em 1989, e nasce como parte do movimento negro, com Sojourner Truth e seu discurso *E eu não sou uma mulher?*, e em seu pensamento é a raça que impõe que a mulher negra está sujeita ao marido aproveitador, e aos patrões tiranos.

Segundo Akotirene (2019) “as mulheres negras usam a interseccionalidade e a solidariedade política entre os Outros”, mas para Barbara e Beverly Smith, da organização negra lésbica *Coletivo Combahee River*, fundada em 1974 em Boston (MA), a política sexual imposta pelo patriarcado é tão presente na vida das mulheres negras quanto políticas de raça e classe. Elas encontram dificuldades também em separar opressões sexuais, de raça e gênero, porque elas são normalmente experienciadas de maneira simultânea.

¹⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/12/02/centros-de-menores-infratores-na-paraiba-sofrem-com-faccoes-criminosas.htm> Acesso em 10 de julho de 2023

O pensamento de Sojourner Truth brilhantemente articulou as estruturas de opressão (racismo, capitalismo, cisheteropatriarcado e etarismo) atribuindo às mulheres negras a compreensão das experiências com interseccionalidade. Akotirene ainda reforça que as iniquidades de gênero não atingem as mulheres de forma análoga, gênero se aplica ao corpo racializado.

A pensadora argentina Maria Lugones, seguindo os passos de Lélia Gonzalez, critica a postura ocidental – metodologicamente interseccionam as estruturas de raça, gênero, sexualidade, nação e classe, estabelecendo coro latino-americano contra o colonialismo, imperialismo e monopólio epistêmico ocidental (AKOTIRENE, 2019, p. 33).

Embora os direitos humanos permitam acesso irrestrito, por exemplo, à Lei Maria da Penha, independente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou outra condição, são as mulheres negras que sofrem diante do racismo e do sexismo das instituições que lhes negam trabalho e o direito de reclamar pelas discriminações sofridas. A interseccionalidade instrumentaliza os movimentos antirracistas, feministas e instâncias protetivas dos direitos humanos a lidarem com as pautas das mulheres negras (AKOTIRENE, 2019, p. 62).

Joice Berth (2019) inicia sua reflexão com as raízes da palavra “empoderar”, que no nosso português é o mesmo que dar poder a alguém, ao pé da letra. Mas falando disso hoje em dia, o conceito ainda é distorcido e incompreendido por causa de um debate crítico e faz com que ele acabe sendo alvo de criticismo - não pelo que é, mas por como vem sendo usado, esvaziado de significado.

Em meio às críticas e a esse esvaziamento, Zimmerman e Perkins tem uma teoria interessante para o empoderamento, dizem que ele é uma constituição de forças e competências individuais, sistemas naturais de suporte e comportamentos proativos na área das mudanças sociais (RAPPAPORT, 1981; 1984, apud Berth, 2019). Então a pesquisa sobre empoderamento segue o mesmo caminho, foca na ideia de identificação de capacidades, ao invés de dar ênfase a fatores de risco e procurar problemas sociais ou culpar a vítima.

De acordo com Joice Berth (2019), Barbara Bryant Solomon, autora do livro *Black Empowerment: Social Work in Oppressed Communities*, descreve neste livro como as comunidades negras são retratadas negativamente, e o impacto disso na autoimagem das comunidades. Então os profissionais de serviço social, aos quais o livro é destinado, começaram a ficar mais cientes de que os fatores étnicos são importantes em seu trabalho para que se causasse um resultado melhor, impactando de maneira mais positiva a vida desses grupos. Solomon inaugurou a aplicação da Teoria do Empoderamento para pesquisa e gestão social em

populações invisibilizadas pelo olhar dominante, popularizando informação que não chegava aos povos mais pobres e oprimidos (BERTH, 2019).

O movimento feminista interseccional, por assim dizer, já que todo o movimento feminista deveria ser interseccional, reestruturou as bases do empoderamento, mas acabou por novamente ser esvaziado e despolitizado por um “empoderamento feminino”. E isso quer dizer que a luta por empoderamento é apenas pelo empoderamento da mulher, deixando de lado todas as outras coisas que a mulher é e seus aliados? Isso se afasta da proposta feminista do Sul (global e epistemológico), que propõe que empoderar é “transcender barreiras coletivas”, e não individuais. Olhando apenas para o individual, se continua a perpetuar opressões racistas, sexistas, capitalistas, homofóbicas, transfóbicas, e o “Empoderar do Sul” é exatamente o contrário disso, acolhe a todas, todos e todes, pois se queremos para um, queremos para o todas, todos e todes, como o feminismo deve ser: interseccional e acolhedor.

Lélia Gonzalez, dizia que, como mulheres negras, a história de opressão não é a única coisa que compartilhamos. Ela dizia que é preciso não perder a perspectiva dos caminhos percorridos de resistência e possibilidades de (re)existir. Patricia Hill Collins diz que o “feminismo negro” não é uma complementação ou uma adição ao feminismo universal, mas parte de projetos e abordagens que dão conta de opressões estruturais, a partir da formulação de políticas para a população negra. Collins acredita que o lugar da mulher negra, mais do que marginalizado, é como potência.

Já bell hooks, ainda segundo o livro de Joice Berth, propõe a ideia de que esses grupos saiam do lugar de vitimização, e comecem a enfrentar as estruturas opressoras. Ela entende que os grupos são de fato oprimidos, mas acredita que reivindicar a identidade de vítima como ferramenta de luta é mais produtivo. Ela diz algo semelhante no texto que escreveu sobre o álbum *Lemonade*, de Beyoncé, em que ela não apenas leva em conta a dor, mas usa como uma “medida de nossa capacidade de aguentar a dor, mas sim uma celebração de nosso movimento além da dor”. Em *refusing to be a victim*, ela fala sobre a importância dessas estratégias pensando no que chama de “resistência militante” (BERTH, 2019).

O empoderamento da mulher negra, e da criança negra, não precisa (e não é pra ser) um momento solitário. O Feminismo do Sul é a rede de apoio que serve para nos dizer que não estamos sozinhas e que podemos e devemos fazer o que queremos e nos faz feliz. Não é um cabelo afro, ou a cor da pele, que vai definir quem pode entrar para o clube, nós somos o clube, e estamos juntas para dar apoio a quem precisar: mulheres, meninas, brancas, negras, LGBTQIA+... porque esse é um “local”, uma bolha de acolhimento, e não de segregação.

Na próxima subseção, aponto para a realidade financeira de muitas mulheres, principalmente as negras.

2.2.1 “Profundo ver o peso do mundo nas costas de uma mulher”

Ouvindo histórias de família, percebi que nós fazemos parte de uma estatística que eu não conhecia, a de arrimo de família. Pelo que eu me lembro, isso não nos foi ensinado na escola. Mas desde o primeiro emprego da minha mãe, ela assumiu as contas da casa, e como nunca foi casada, sempre foi a provedora do lar, mesmo quando meu pai morava com minha família.

Me recordo de ver muito pouco a minha mãe durante a minha infância, e por isso mesmo ligar muito para o seu trabalho. Às vezes eu dizia que queria um doce, ela dizia “coma rapadura”, com a doçura de quem quer dar o melhor de si, mas acabava não estando presente por querer dar o melhor pra mim.

No Brasil, na maioria dos lares que tem mulheres como responsáveis, essas mulheres são negras.

Tabela 1

Distribuição percentual das famílias, por tipo de arranjo familiar, segundo cor/raça do/a chefe de família - Brasil, 1995 a 2015

Ano	Cor/Raça do Chefe da Família	Tipo de Arranjo Familiar					
		Casal com Filhos	Casal sem Filhos	Mulher com Filhos	Mulher sem Filhos	Homem com Filhos	Homem sem Filhos
1995	Total	57,7	12,9	15,8	2,4	1,8	1,5
	Branca	57,5	14,4	14,3	2,4	1,6	1,6
	Negra	58,0	11,0	17,6	2,4	2,1	1,5
1996	Total	57,4	13,0	15,8	2,5	1,8	1,5
	Branca	57,2	14,5	14,4	2,6	1,6	1,5
	Negra	57,8	11,1	17,7	2,4	2,1	1,6

1997	Total	56,6	12,9	16,5	2,4	2,0	1,5
	Branca	56,3	14,3	15,4	2,4	1,8	1,5
	Negra	56,9	11,1	18,1	2,5	2,2	1,4
1998	Total	55,7	13,3	16,8	2,6	2,0	1,5
	Branca	55,5	14,7	15,1	2,6	1,7	1,5
	Negra	56,0	11,3	18,9	2,6	2,3	1,4
1999	Total	55,0	13,5	17,1	2,5	2,1	1,5
	Branca	54,8	14,9	15,5	2,5	1,9	1,5
	Negra	55,2	11,7	19,2	2,4	2,3	1,5
2001	Total	53,3	13,8	17,8	2,6	2,1	1,5
	Branca	52,6	15,2	16,5	2,7	1,9	1,5
	Negra	54,1	12,0	19,5	2,5	2,3	1,5
2002	Total	52,7	14,0	17,9	2,7	2,0	1,5
	Branca	52,1	15,5	16,6	2,8	1,8	1,5
	Negra	53,5	12,2	19,6	2,6	2,4	1,5
2003	Total	51,5	14,3	18,1	2,7	2,2	1,5
	Branca	50,9	15,9	16,8	2,7	2,0	1,6
	Negra	52,2	12,5	19,6	2,6	2,4	1,5
2004	Total	51,0	14,6	18,3	2,6	2,2	1,4
	Branca	50,3	16,2	17,1	2,5	1,9	1,5
	Negra	51,8	12,8	19,7	2,7	2,5	1,4
2005	Total	50,1	15,2	18,2	2,6	2,2	1,6
	Branca	48,9	17,0	16,8	2,6	1,9	1,6
	Negra	51,3	13,3	19,6	2,7	2,5	1,5

2006	Total	49,4	15,6	18,1	2,8	2,2	1,6
	Branca	48,5	17,2	16,7	2,7	1,9	1,7
	Negra	50,4	13,8	19,5	2,9	2,5	1,5
2007	Total	49,0	16,0	17,4	2,8	2,2	1,7
	Branca	47,8	17,7	16,0	2,8	2,0	1,7
	Negra	50,2	14,2	18,9	2,7	2,5	1,6
2008	Total	48,2	16,7	17,1	2,8	2,1	1,6
	Branca	47,0	18,5	15,9	2,9	1,9	1,5
	Negra	49,4	14,9	18,3	2,8	2,4	1,6
2009	Total	47,3	17,4	17,3	2,9	2,2	1,7
	Branca	46,2	19,2	15,8	2,9	1,9	1,7
	Negra	48,4	15,6	18,8	2,9	2,4	1,6
2011	Total	46,3	18,5	16,4	2,9	2,1	1,7
	Branca	45,0	20,4	15,1	2,9	1,8	1,6
	Negra	47,5	16,8	17,6	2,9	2,3	1,7
2012	Total	45,0	19,0	16,3	2,9	2,2	1,7
	Branca	43,4	21,2	14,8	3,0	1,9	1,7
	Negra	46,4	17,1	17,6	2,9	2,4	1,7
2013	Total	44,0	19,4	16,5	2,9	2,2	1,7
	Branca	42,7	21,3	15,2	3,0	2,0	1,6
	Negra	45,1	17,7	17,7	2,9	2,4	1,7
2014	Total	42,9	19,9	16,3	2,9	2,1	1,7
	Brancos	41,6	21,7	14,8	2,9	1,9	1,7
	Negros	44,0	18,3	17,6	3,0	2,2	1,6

2015	Total	42,3	19,9	16,3	3,0	2,2	1,8
	Branços	41,2	21,6	14,9	3,0	1,9	1,7
	Negros	43,2	18,5	17,6	3,1	2,4	1,8

Fonte: IBGE/PNAD (Foi excluída da consideração a configuração unipessoal por opção da pesquisadora)

Do ano em que eu nasci até 2015, ou seja, em 20 anos, o número de mulheres negras mães solas como provedoras manteve-se constante e significativamente mais alto do que o número de mulheres brancas na mesma situação. Isso aponta para uma desigualdade estrutural na sociedade, e também para a solidão romântica da mulher negra, que é apenas mais um dos problemas que sofre a mulher negra.

Mas mudanças sociais são uma pauta principal nos movimentos negros, alguns tendo pautas específicas para mulheres. Na próxima seção, há uma breve exposição do período ditatorial no país, do início da redemocratização, e como isso afetou os movimentos negros no Brasil.

2.3 Movimentos Negros antes, durante e depois da Ditadura e da Redemocratização

A organização do movimento negro no Brasil se intensificou em 1931 com a fundação da Frente Negra Brasileira (FNB), que contou com um número estimado de 20 mil associados. A FNB mantinha os mais diversos tipos de serviços, que iam de escolas, serviços jurídicos, médicos, políticos, artísticos, entre outros. E mantinha também um jornal, A Voz da Raça, com forte participação de mulheres negras. Foi um momento de grande progresso para a população negra brasileira (DK, 2021, p. 242). Até que veio a ditadura militar.

O período ditatorial no Brasil foi de 1964 até 1985, então é justo dizer que nossa democracia é muito jovem, e pode ainda estar sob ameaça. A ditadura começou com o golpe militar que derrubou João Goulart do poder e acabou quando José Sarney assumiu a presidência, marcando o início da Nova República. Tendo durado 21 anos, a ditadura foi gradualmente intensificada pela publicação dos Atos Institucionais, os chamados AIs, tendo sido o maior o AI-5, de 1968, que esteve em vigor por 10 anos.

Os anos que seguiram o AI-5 foram marcados pelo terror da ditadura, por tortura, censura, tudo em nome da luta contra a “ameaça comunista”. Mas a partir de 1979 se iniciou a reabertura política. A greve dos operários do ABC levou outros grupos às ruas, além do Comitê

Brasileiro pela Anistia ter formado grupos em vários estados, realizando manifestações expressivas, e os exilados políticos brasileiros receberam apoio dos movimentos democráticos.

No início da ditadura os movimentos negros foram desmantelados, porque os militares consideravam uma ameaça e diziam ser instrumentos para promover o racismo no Brasil, coisa que eles diziam não existir. Mas a partir de 1978, com a fundação do MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO (MNU), a luta negra durante a ditadura voltou com todas as forças. (DK, 2021) O Movimento foi fundado no dia 7 de julho nas escadarias do Theatro Municipal de São Paulo, num ato que reuniu duas mil pessoas, como resposta à discriminação sofrida por quatro jovens atletas negros num clube esportivo de São Paulo, e de outros atos de violência policial contra a comunidade negra.

Quando a ditadura acabou, líderes de movimentos negros que tinham destaque na luta antirracista deram suas contribuições na Assembleia Nacional Constituinte. A mais marcante sendo incluir na Constituição de 1988 o racismo como crime. Desde então, algumas conquistas foram alcançadas, como a lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas, o estabelecimento de um Dia da Consciência Negra (20 de novembro, dia em que se acredita ter sido a morte de Zumbi dos Palmares), e a criação da lei de cotas raciais para instituições de ensino superior públicas brasileiras.

Apesar de tais conquistas advindas pós-redemocratização, ainda há um caminho longo pela frente para combater o racismo estrutural em nossa sociedade. O índice de desemprego da população negra, o alto nível de encarceramento, os índices de assassinatos de pessoas negras (frequentemente feitos pela polícia) e, mais recentemente, o índice de mortalidade das mulheres e dos homens negros em decorrência da COVID-19.

Várias entidades da frente negra participaram da fundação do MNU, e é reconhecida sua importância para o direito dos negros quando retoma o ativismo que foi fortemente reprimido no início da ditadura militar, e até hoje é referência para outros grupos que defendem a causa no Brasil. Entre suas pautas estão a retomada da Frente Negra Brasileira, movimento pós-abolicionista, denúncia do mito da democracia racial brasileira, engajamento em sindicatos e partidos (encorajando a conscientização da população negra e popularização do movimento), alianças nacionais e internacionais, inclusão da história da África e do povo negro no Brasil nos currículos escolares, bolsas e acesso à educação em todos os níveis para a população negra pobre, melhoria das condições de vida, como combate à marginalização, à violência policial, desemprego e pobreza, aos discursos hegemônicos, valorização da reafirmação da identidade

negra, papel histórico, cultural e social, das raízes africanas e recuperação da memória, continuação da luta¹⁵ (MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO, 1978).

O MNU tem lutas específicas das mulheres em suas pautas, já que sofrem duplamente pelo racismo e pelo machismo. De 2003 a 2013, segundo entrevista de Silvio Almeida à TV Boitempo, a violência contra mulheres brancas diminuiu 9,8%, ao passo que a violência contra mulheres negras aumentou 54,5%¹⁶¹⁷ (ALMEIDA, 2016).

Mas as conquistas dos movimentos negros cresceram, e continuam a crescer, com a nomeação de Silvio Almeida para Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, e Anielle Almeida para Ministra da Igualdade Racial, ambos em 2023, no terceiro governo não consecutivo do presidente Luís Inácio Lula da Silva.

Em 2013 surge nos Estados Unidos da América o movimento Black Lives Matter, que se inicia como uma *hashtag* e em poucos anos toma proporções internacionais, com marchas pelo país e indignação mundial, com a morte de Breonna Taylor e George Floyd no centro do debate. Em 2016, o jogador da NFL Colin Kaepernick¹⁸ iniciou um movimento que acabou por abranger outros atletas dos mais variados esportes: durante o hino dos EUA, ele manteve-se ajoelhado, recusando-se a reverenciar a bandeira de um país que oprimia minorias, foi sua maneira de protestar contra a violência policial no país.

Os protestos e movimentos antirracistas que vêm acontecendo nos últimos quatro anos (2018-2022) mostram que, apesar da onda conservadora que tomou parte do mundo, ainda há organizações e indivíduos que lutam pela melhoria das condições de vida das minorias e, acima de tudo, contra a violência policial sofrida por tais grupos. Um dos grupos que mais sofre com a brutalidade da polícia e do sistema capitalista é o de mulheres negras e periféricas e, como abordado anteriormente, a mulher negra continua sendo a base da pirâmide socioeconômica no Brasil.

¹⁵ Disponível em: <https://mnu.org.br/wp-content/uploads/2020/07/CARTA-DE-PRINC%C3%8DPIO-MNU-1.pdf>. Acesso em 02 de maio de 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU>. Acesso em 02 de maio de 2023.

¹⁷ Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/homicidio-contras-negras-aumenta-54-em-10-anos-aponta-mapa-da-violencia-2015/>. Acesso em 02 de maio de 2023.

¹⁸ Disponível em: <https://midianinja.org/news/conheca-colin-kaepernick-o-jogador-que-desafiou-a-nfl/>. Acesso em 02 de maio de 2023.

Na próxima seção, foco no poder da narrativa, e de como através dela podemos recuperar a nossa ancestralidade negra.

2.4 “Viver é partir, voltar e repartir”

“Vamos fazer uma revolução.
Vamos nos retratar com graça e com responsabilidade.
Vamos amar o lugar de onde viemos.
Vamos nos amar.”
(ALÊ GARCIA em Negros Gigantes, 2022)¹⁹

Alê Garcia é um criador de conteúdo, escritor, palestrante, apresentador e publicitário brasileiro. Ele é criador do podcast Negro da Semana, que foca na cultura negra, e fala sobre o mesmo assunto em seu canal do YouTube. Em seu website, ele diz que “a potencialização da cultura negra é seu trabalho e propósito”. Ele escreveu livros e participou de muitas coletâneas, mas no seu livro mais recente, *Negros Gigantes*, ele usa a premissa do podcast para “dialogar” com personalidades como Mano Brown, Leci Brandão, Ruth de Souza, Toni Morrison, Elza Soares, Spike Lee, Sabotage, James Baldwin, Martin Luther King, Lázaro Ramos, Chadwick Boseman, e o nosso Emicida. Alê Garcia, com esse livro, mostra que há personalidades que se pode ter como inspiração com base na excelência negra. Uma das epígrafes que usa em seu livro é da cantora Beyoncé Knowles-Carter, que diz: “Eu acredito que quando pessoas negras contam suas histórias nós podemos mudar o eixo do mundo”.

Alê Garcia, no momento de seu livro em que fala de Emicida, conta como se sentia deslocado em sua universidade, como parecia que não deveria estar “naquele grande e caro shopping center da educação”, onde trabalhava para poder pagar sua mensalidade. Cita como teve como referência arquitetos e publicitários brancos, e como parecia que se desfazia de suas sólidas bases negras ao passo em que se tornava, já trabalhando com publicidade, o estereótipo a quem se recorria para questões relacionadas à negritude. Ele se questionou, então, se além de negro precisaria ser o “especialista em negritude”.

Então retrata o momento em que conheceu a obra de Emicida, e como depois de conhecer, nunca mais largou. Por meio de citações da música “Triunfo (A rua é nóiz)”, retoma

¹⁹ Texto completo pode ser encontrado nos anexos.

como e o porquê Emicida ainda jovem marcou sua vida, e um dos motivos é “por ser exemplo de excelência no seu ofício”. Outra coisa marcante foi como a ascensão de Emicida ao estrelato parecia incomodar o movimento hip-hop. Parecia que, porque ele saiu de origens pobres, periféricas e negras, ele não podia alcançar os lugares que alcançava. Garcia cita Milton Santos para apontar o que acontecia, “ser negro no Brasil é, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá embaixo, para os negros”.

Ao que parece, a sociedade não quer que o negro ganhe dinheiro, mas Emicida subverte essa ideia em algumas de suas músicas, sendo uma delas citada por Garcia: OORRA

“Odeio vender algo que é tão meu
Mas se alguém vai ganhar grana com essa porra, então que seja eu
E os que não quer dinheiro, mano é porque nunca viu
A barriga roncar mais alto do que eu te amo” (OORRA. Emicídio. Intérprete: Emicida. Laboratório Fantasma, 2010)

Por meio de sua obra, Emicida subverte a ideia de que há um lugar predestinado ao negro na sociedade, e mostra ao seu ouvinte que a pessoa negra pode sim ocupar lugares de destaque, pode ganhar dinheiro, pode prosperar. Seja isso a custo de muito esforço, mais do que seria para uma pessoa branca, e seja onde for. OORRA é uma música de 2010, quando Emicida tinha 27 anos, a minha idade. Mas em 2013, lança o álbum *“O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui”* e a música *Gueto*, com MC Guimê, em que fala sobre ascensão social e diz que ganhar dinheiro é bom, e que se a gente sofre, a gente também merece ser feliz.

É importante ter narrativas nesse sentido para que a pessoa negra, principalmente pobre e periférica, saiba e coloque pra fora que podemos e devemos ocupar todos os lugares que as pessoas brancas ocupam, e que todo o sofrimento para ascender minimamente na vida deve ser recompensado, porque merecemos também ser felizes.

Chimamanda Ngozi Adichie em *O Perigo de Uma História Única* nos conta sobre a importância da narrativa, de como narrativa é símbolo de poder. A história normalmente é escrita por quem tem poder, e raramente essa pessoa é a pessoa negra. Quando Adichie relembra que foi para os Estados Unidos para estudar e sua colega de quarto ficou surpresa ao saber que ela sabia falar inglês, que ouvia as mesmas músicas que ela, que sabia usar o forno, ela mostra como a narrativa gerada pelos detentores hegemônicos do poder é forte e equivocada. Falando do “perigo” da história única, Chimamanda fala justamente sobre se adotar apenas a narrativa dominante e não saber ou procurar ter conhecimento sobre o outro lado da moeda. E as pessoas negras no Brasil sofrem com essa história única, porque essa história única é o preconceito.

Como ela propõe, invertamos a narrativa: e se a história do Brasil fosse contada pelos nativos, os que já estavam aqui antes dos colonizadores chegarem? Ou contada pelos negros africanos sequestrados e escravizados trazidos para o Brasil e forçados a trabalhar, as mulheres a procriar, sofrendo violência sexual, sendo tratados como animais? Haveria tanto racismo? Se a história não tivesse sido escrita pelo opressor, mas pelo oprimido, como seria a realidade hoje?

Com esses questionamentos em mente, sigo para a seção seguinte, em que trato da socialização e da infância negra.

2.5 Socialização: a diferença intrínseca

Já sabemos, como foi abordado anteriormente, que a questão de raça é uma questão puramente social. Então quando essa socialização começa e quais são as consequências dela e do racismo que a acompanha?

As questões raciais não faziam parte do meu cotidiano. Eu não consumia conteúdo negro, eu assistia aos mesmos filmes que todas as outras pessoas da minha idade, e não me questionava sobre a ausência de personagens negros nos filmes. Eu frequentava as melhores escolas e não me perguntava o motivo de ter tão poucos negros na escola, estudei mais de um idioma estrangeiro, tirei minha habilitação logo que fiz 18 anos, podia dirigir o carro da família, frequentava todos os ambientes que queria, não havia restrição. Dito isso, sofri preconceito em algumas situações, mas aprendi a lidar com isso da maneira que descobri eficaz: olhando por cima dos meus óculos escuros sempre muito grandes. E a polícia? Sempre muito prestativa.

Lembro de ter ido a São Paulo e, na saída de um show, estava com uma sacola com compras que havia feito no festival e minhas botas, estava andando de meia porque os meus pés estavam doendo. Encostei em uma viatura da polícia e no lugar de mandar eu desencostar, o policial se aproximou e perguntou quem iria me buscar. Vendo a demora, o policial voltou para perguntar se estava tudo bem e se eu precisava de alguma coisa. Não sei se tem a ver com os locais que eu frequento, ou com o fato de minhas amigas dizerem que eu tenho “cara de rica”, mas eu continuo sendo negra. Era negra quando não fui atendida numa loja no “melhor shopping” da minha cidade, e também quando fui seguida no supermercado novo do bairro. Era negra quando acordei tarde e precisei que a PRF parasse o ônibus que me levaria até Recife para que eu fosse ao consulado. Era negra e bem-vestida, educada, arrumada, maquiada... enfim.

Mas eu lembro de uma menina que conheci num evento da igreja, ela também era negra, mas ninguém lhe dava muita credibilidade. Fico imaginando como é a vida dela hoje, quais

escolas frequentou, se ela fala mais de um idioma, se ela dirige, se ela pode entrar e sair de qualquer ambiente sem restrição. E me pergunto como os vendedores se comportam quando ela entra numa loja, ou como a polícia (de qualquer estado, ou a própria PRF) se comportaria se ela aparecesse de meia, carregando o sapato na mão, se ela encostasse na viatura. Será que as amigas dela dizem que ela tem cara de rica? Será que ela fez um curso universitário? Eu me pergunto isso porque ela era muito mais “pretinha” que eu, e tinha cabelos de nuvem, olhos de jabuticaba, e morava numa área menos favorecida do bairro. Era escrachada, enquanto eu era educada... educada não, reprimida. Talvez eu quisesse fazer as mesmas piadas que ela, mas não fizesse porque a “educação” não deixava.

Citei dois exemplos de socialização de pessoas negras diferentes para que se veja que quando meu médico me pergunta se eu me considero negra, apesar de estar olhando para a minha pele e vê-la negra, ele achar que talvez eu não me considere negra por causa dos privilégios que eu tive durante a minha vida. Mas não há privilégio maior do que nascer homem, cis, hétero e branco. Mesmo tendo tido os privilégios que tive, continuo sendo uma mulher negra numa sociedade patriarcal e racista, e sofro com a solidão romântica, com a falta de atendimento em lojas, com ter que me impor num restaurante para poder ser bem atendida. É uma arrogância adquirida que se usa como ferramenta de defesa para não sofrer. E que eu dominei.

Como disse Emicida, “eu não sou alvo de racista, eu sou o pesadelo dele”

2.5.1 *“Com quatro anos eu já via o mundo inteiro contra mim”*

Tendo sido alvo de racismo por parte de outra criança quando estava na alfabetização, eu me questiono se crianças são só crianças. Acredito firmemente que crianças são miniaturas de seus pais, e reproduzem discursos que escutam em casa, e a pesquisa da professora Eliane Cavalleiro, publicada no livro “Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, discriminação e preconceito na educação infantil”, e comentado no livro “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”, de Sueli Carneiro (2011), aborda exatamente isso.

O livro foi produto de sua pesquisa de mestrado, ela esteve presente numa escola por oito meses fazendo observação das relações professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno na educação infantil. Ela observou as práticas verbais, não verbais e pedagógicas no ambiente escolar. Educadora negra, Eliane estava no lançamento de seu livro quando um jovem perguntou como ela se sentiu ao fazer a pesquisa. A resposta foi que fez um esforço grande para

não intervir, porque sua metodologia de pesquisa não permitia, mas que viu dinâmicas discriminatórias que deixavam as crianças negras fragilizadas.

Em dado momento, a pesquisadora percebeu conflitos e hierarquias raciais entre as crianças e, contra o que a metodologia pedia, ela interveio, pegando o depoimento de uma aluna negra de 6 anos. Segundo ela, as crianças só brincavam com ela quando ela levava brinquedo, e quando questionada sobre o motivo, ela respondeu “Porque eu sou preta. A gente estava brincando de mamãe. A Catarina branca falou: ‘eu não vou ser tia dela’ (da criança que estava narrando). A Camila, que é branca, não tem nojo de mim”. A pesquisadora, então, foi mais fundo e perguntou se outras crianças tinham nojo da menina, ao que ela respondeu que sim.

Outro relato de menina negra na pesquisa dela mostrou como as crianças podem ser cruéis, a menina disse que chamam-na de “preta que não toma banho”, e ela diz “Só porque eu sou preta dizem que eu não tomo banho. Ficam me xingando de preta cor de carvão. Ela me chamou de preta fedida. Eu contei à professora e ela não fez nada”. Uma professora chamava dois alunos negros de “filhotes de São Benedito” por achar que eles eram “o cão em forma de gente”. E a autoestima dessas crianças?

Um garoto branco, segundo a pesquisadora, sugeriu que um menino negro pegasse um carrinho abandonado no tanque de areia do parque “porque preto tem que roubar mesmo”. Essas crianças negras acabam sentindo que a imagem que tem de si mesmas não pode ser boa, já que ninguém as vê de maneira boa. Depreciadas e discriminadas, na sala de aula os professores davam reforços positivos aos alunos brancos com elogios pessoais, e aos negros com elogios a suas tarefas. Não havia igualdade no tratamento.

E esse é o futuro que estamos formando, a sociedade do futuro, em que os brancos sentem que podem tudo, e os negros sentem que seu lugar é de subordinação aos brancos, o que me parece muito similar ao que acontecia na época do escravismo. Precisamos, com urgência, devolver a alma dessas crianças negras, mostrar que elas têm sim valor, e os mesmos direitos que as crianças brancas.

Na seção que segue, abordo as teorias acadêmicas que são utilizadas posteriormente para fazer a análise dos textos verbal e imagético presentes no livro AMORAS, de Emicida.

3 ACADEMICAMENTE FALANDO... TEORIAS BASE PARA ANÁLISES

Escolhi analisar a relação entre texto e ilustração no livro AMORAS, e utilizar a Linguística Sistêmico Funcional, abordagem funcionalista da linguagem desenvolvida por Halliday desde os anos 60, mais precisamente a Introdução à Gramática Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) para analisar o texto verbal. Utilizo a Gramática do Design Visual (KRESS, VAN LEEUWEN; 2006), que deriva dos trabalhos de Halliday, para analisar o texto imagético. Por fim, utilizo a Análise Crítica do Discurso de Fairclough (1995) para, com o seu modelo tridimensional, unir as análises do texto e imagem em reflexões acerca das questões sociais que permeiam o texto.

3.1 Gramática Sistêmico Funcional

Para que seja feita uma análise de transitividade do texto verbal contido no livro. Tal análise consiste em utilizar-se da produção de Halliday e Matthiessen (2004), já que as escolhas textuais podem nos ajudar a identificar a visão de mundo proposta no livro e, com base nos dados obtidos, pode-se dar continuidade às análises e discussões com as outras teorias. Há, no trabalho de Halliday e Matthiessen, três metafunções: a ideacional, a interpessoal e a textual, mas no presente trabalho, o foco foi na metafunção ideacional, mais especificamente nos significados experienciais, através do foco no Sistema de Transitividade, que é, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 176) a união de um processo e um participante, além das circunstâncias; então nos diz quem faz o quê, quando, por que, como, etc.).

No Sistema de Transitividade temos três componentes principais da oração, que são as circunstâncias, os participantes e os processos. No presente trabalho, foi escolhido dar um foco maior aos processos, que podem ser de seis tipos: relacional, verbal, mental, material, comportamental e existencial.

Os processos materiais correspondem às experiências externas, como fazer, acontecer, e os participantes dos processos materiais podem ser ator, meta, beneficiário, escopo e atributo; os processos mentais são a representação das experiências internas, como pensar, lembrar, desejar, tendo como possíveis participantes experimentador e fenômeno; os processos relacionais correspondem, como diz o nome, às relações, como ter, ser, estar, parecer, e seus possíveis participantes são portador, atributo, identificador e identificado; os processos comportamentais estão, de certa forma, entre os mentais e os materiais, pois representam o psicológico e o fisiológico do ser humano, através de processos como bocejar, dormir, dançar,

tendo como participantes escopo e comportante; os processos verbais correspondem aos comportamentos linguísticos dos participantes, como dizer, responder, afirmar, e os possíveis participantes são dizente, verbiage, receptor e alvo; já os processos existenciais correspondem, como o nome sugere, à existência, em processos como existir e haver, podendo ter como participante apenas o existente. (CABRAL; FUZER, 2014)

3.2 A Gramática do Design Visual

Então, foi feita uma análise das ilustrações com base nos conceitos-chave presentes na Gramática do Design Visual (KRESS, VAN LEEUWEN; 2006) para melhor compreender sua relação com o texto verbal. A Gramática do Discurso Visual é a obra base para o estudo da multimodalidade; portanto, tendo escolhido relacionar texto e imagem, é bastante pertinente quando se trata da intermídia. A GDV deriva da teoria desenvolvida por Halliday, mas em termos mais simples, coloca-se em três metafunções: a representacional, que se apresenta pelos personagens representados, podendo ser pessoas, animais, objetos e lugares (representações narrativas). Nas representações narrativas há sempre um vetor, que é o que indica se é um processo acional ou reacional transacional ou não-transacional; pode haver também um balão de fala ou uma bolha de pensamento, indicando processos verbais e mentais, respectivamente

Figura 5: Proc. reacional transacional



Fonte: <https://unsplash.com/>

Figura 6: Proc. acional não-transacional



Fonte: <https://unsplash.com/>

Figura 7: Proc. mental



Fonte: <https://unsplash.com/>

Figura 8: Proc. verbal



Fonte: <http://pinterest.ca>

Nas representações conceituais, temos três tipos de processos: o classificacional, que apresenta os participantes em grupos separados por suas características comuns; o analítico, que nos leva a observar uma relação de parte - todo; e o simbólico, que é a presença de algum elemento que adicione, atribua algum valor ao que está sendo representado.

Figura 9: Estante



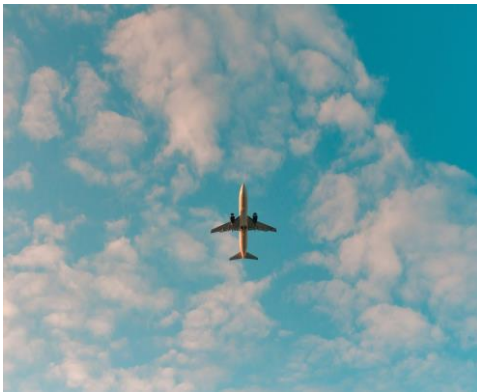
Fonte: <https://unsplash.com/>

Figura 10: Parte de um livro



Fonte: <https://unsplash.com/>

Figura 11: O céu com um avião



Fonte: <https://unsplash.com/>

Já a metafunção interacional trata da relação dos elementos representados na imagem com o leitor. Nessa metafunção, temos quatro categorias de análise: contato, que pode ser por demanda ou oferta; distância social, que pode ser íntima, social ou impessoal; atitude, que pode ser de envolvimento ou distanciamento; e poder, que pode ser do observador, a nível de igualdade, ou do participante.

Figura 12: Contato por demanda Figura 13: Contato por oferta



Fonte: <https://unsplash.com>



Fonte: Reprodução Notícia

Figura 14: Impessoal



Fonte: <https://unsplash.com>

Figura 15: Íntimo



Fonte: <https://unsplash.com>

Figura 16: Social



Fonte: <https://unsplash.com>

Na metafunção composicional, levamos em consideração a combinação, ou a disposição, dos elementos em uma imagem. Explicamos o significado através de três categorias de análise: valor da informação, que nos indica a disposição dos elementos a partir da disposição na página: elementos conhecidos normalmente se encontram no lado esquerdo, enquanto elementos novos na área direita - como um antes e depois; dados ideais, o que se almeja, normalmente virá na parte superior, enquanto o real, já existente, na parte inferior; as ideias principais normalmente virão centralizadas, enquanto as ideias acessórias virão nas margens. No enquadramento, veremos a presença ou ausência de “molduras” que podem ou não se conectar com os elementos apresentados no texto visual. Já na saliência, vemos elementos que são colocados para atrair a atenção do leitor: plano de fundo, diferentes cores, tamanho relativo... Essa metafunção não será ilustrada, pois apresentou menor prevalência nas análises imagéticas.

3.3 Análise Crítica do Discurso

Seguindo para os estudos de Análise Crítica do Discurso de Fairclough (1995), se continua relacionando texto e imagem, mas agora o modelo tridimensional proposto por Fairclough. Os três níveis podem ser descritos desta maneira: primeiro é responsável pela descrição do evento, tendo características similares ao trabalho desenvolvido no estudo da GDV, pois é essencialmente descritivo. O segundo é o das práticas discursivas, que perpassa a interpretação, em tal nível se considera coerência, intertextualidade, interdiscursividade, ou seja, o contexto de produção, distribuição e consumo do texto com relação a outros textos. No terceiro nível, o nível das práticas sociais, analisa-se como o texto contribui para manter ou mudar padrões sociais pré-estabelecidos e se ele desafia ou não visões hegemônicas, além de explicar e/ou desafiar discursos ideológicos perpetuados pela sociedade.

Figura 17 - Modelo tridimensional de Fairclough



Fonte: Meurer (2005, p.95)

Após as análises e seus comentários, acrescento uma discussão sobre o racismo em vários aspectos que considero relevantes para que possamos juntar às análises e concluir se o livro, além de adequado para crianças, retrata uma realidade de fato existente no Brasil, ou se busca mudar a visão hegemônica que temos na nossa sociedade das meninas e mulheres negras. O que não quer dizer que a discussão não englobe temas relevantes para pessoas do sexo masculino e a comunidade LGBTQIA+, pois tudo o que queremos para a comunidade negra,

queremos para outras minorias representativas, além de o racismo atingir os homens negros de maneira a fazê-los, embora passando por situações parecidas com as quais as mulheres negras passam, segregá-las em detrimento das mulheres brancas, o que contribui para a solidão da mulher negra.

Para acrescentar a esta discussão, utilizamos materiais como Lugar de Fala (RIBEIRO, 2020), Quem tem medo do feminismo negro? (RIBEIRO, 2018), Empoderamento (BERTH, 2019), Racismo Estrutural (ALMEIDA, 2020), Encarceramento em Massa (BORGES, 2019), Intolerância Religiosa (NOGUEIRA, 2020), entre outros, pois o racismo é uma coisa que, além de atingir gerações, independentemente de classe social e gênero, perpassa por inúmeros marcadores sociais da diferença, e é de extrema importância fazer um apanhado histórico para que possamos saber como, de fato, o livro age na sociedade.

4 UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO MULTIMODAL

Neste capítulo inicio a análise dos textos verbal e imagéticos do livro *Amoras* a partir da Análise Crítica do Discurso de Fairclough (1995). Durante a análise, serão feitas referências ao Apêndice, onde se encontram textos verbais e imagéticos do livro, bem como análise textual a partir da Teoria da Transitividade e da Gramática do Design Visual.

4.1 Cabelos de nuvens

Grada Kilomba (2019), em *Memórias da Plantação*, nos traz a partir dos relatos de Alicia, mulher afro-alemã, reflexões acerca dos cabelos negros. No texto do Quadro 5, referente à Figura 18, podemos ver que o autor aponta para o cabelo da criança, chamando poeticamente de cabelos de nuvem. Na Figura 18 podemos ver que o cabelo forma uma espécie de arco-íris de nuvens coloridas, que simboliza a beleza que o autor diz estar sendo espalhada por aí.

Nas comunidades negras, o cabelo é uma expressão de beleza e uma celebração de ancestralidade que por muitos anos, séculos, foi negada ao povo negro. Porém, nas reflexões de Alicia, ela aborda um ângulo diferente do que Emerica trabalha: a invasão de seu corpo, negro, que sente ao ter seu cabelo tocado por outras pessoas. Quando tentava falar com sua mãe, uma mulher branca, ela não entendia e dizia que as pessoas tocavam o cabelo da filha por seu cabelo ser "diferente" e estarem curiosas. Mas o que significa ser diferente e até que ponto a curiosidade justifica a invasão do espaço alheio, principalmente sendo esse espaço o de uma pessoa que já é socialmente inferiorizada?

Uma pessoa apenas se torna diferente no momento em que dizem para ela que ela difere daquelas/es que têm o poder de se definir como "normal". A mãe branca de Alicia não vê a si mesma como diferente, mas vê sua filha como tal. Ou seja, não se é diferente, torna-se diferente por meio de um processo de discriminação (KILOMBA, 2019, p.121).

O que é ser diferente e o que é ser normal na sociedade dominada pelo mito da democracia racial, em que as pessoas consideram tudo que foge ao padrão eurocêntrico de beleza e moral, algo anormal e abominável? Quando se deparam com a "diferença" do cabelo e pele negros, externam uma curiosidade que chega a invadir o espaço da pessoa negra, pois além de palavras como "exótico", se comportam com toques indesejados e pouco respeito ao espaço do outro, que fica em posição de subordinação ao toque, às palavras, aos pensamentos que não são só curiosos, mas também discriminatórios. Esses toques e comentários são maneiras de exercer poder, e a pessoa negra acaba se tornando "objeto".

Quando Alicia percebe que, apesar de ser sua mãe, ela se relaciona mais com o ambiente

branco e com a branquitude, ela sente que o seu ponto de vista enquanto mulher negra não é importante nem para sua mãe. Quando falamos sobre racismo aversivo (MOREIRA, 2019), vimos que há uma "fórmula" para não agir com racismo, mas que acaba sendo racista também, porque evitar o "problema", não é resolvê-lo.

Regressão está profundamente ligada a esse processo, uma vez que o sujeito branco evita ou procura evitar a ansiedade e a culpa, retornando a um estágio anterior de desenvolvimento. Os padrões infantis de ficar mal-humorada, irritada, ofendida ou chorar permanecem disponíveis como defesa para não lidar com essa informação. Então quando o sujeito negro denuncia o racismo, o sujeito branco, como uma criança, regride a um comportamento imaturo, tornando-se novamente personagem central que precisa de atenção, enquanto o sujeito negro é colocado como secundário. (...) Na psicanálise clássica isso é chamado de regressão (KILOMBA, 2019, p.123).

Então o sujeito branco se torna a vítima da situação ao passar pelo processo de regressão e de não escuta da demanda da pessoa negra. Essa é mais uma ferramenta racista de enfrentamento da denúncia do racismo. A negação a ouvir e repensar comportamentos é o que remete ao racismo aversivo: eu não posso ser racista se eu não tiver contato com o negro.

Ainda nos relatos de Alicia, ela nos conta sobre como as pessoas perguntam se e como ela lava os cabelos, o que não deveria ser um assunto a se abordar em qualquer situação, mas o sujeito branco, quando faz perguntas do tipo, revela a associação de negritude à sujeira, a algo repugnante, ao pensamento colonial de que se deve lavar o que é sujo (ou parece sujo) e pentear/domar o que é indomável (ou parece indomável).

Chico César fala disso quando canta "respeitem meus cabelos, brancos (...)", e eu o cito para mostrar o quão deveriam estar cientes da violência que está presente nessas perguntas as pessoas que consomem o conteúdo artístico brasileiro, porque ele é abordado por artistas de projeção nacional como Chico César. Perguntar sobre a lavagem e o manejo dos cabelos "diferentes" dos cabelos hegemonicamente aceitos se relaciona também com a ideia de que há medo de que o sujeito negro contamine o sujeito branco (MARRIOTT, 1998, apud. KILOMBA, 2019, p.125), que vê a negritude como uma "maldição corpórea" (FANON, 1967, p.112, apud. KILOMBA, 2019, p.125) que se deve temer.

Grada Kilomba nos traz também a reflexão de que o cabelo é uma forma de posicionamento político. Há alguns anos mulheres negras começaram a assumir seus cabelos, fazendo a chamada "transição capilar", e não mais alisando ou "domando" da forma que faziam antes. Hoje, apesar de ainda ser visto com estranhamento por muitas pessoas, as mulheres negras começaram a tomar de volta o poder que um dia lhes foi roubado, o de assumir seus cabelos. Mulheres brancas adotaram tranças e dreads, o que muitas pessoas podem ver como

apropriação cultural, até pelo fato de ver uma mulher branca com *cornrows*²⁰ não provoca perguntas sobre a higienização do cabelo como provoca em uma mulher negra.

Mas a retomada do cabelo afro pelas mulheres negras, usando seus cabelos naturais, é uma forma de redefinir os padrões de beleza e mostrar que estão emancipando-se da colonização branca. Assumir-se negra através do cabelo é uma reafirmação de identidade, é renunciar à violência de fabricar sinais de branquitude, que é uma violência que anda de mãos dadas com os insultos racistas que sofre quem transgride a norma hegemônica de beleza.

4.2 Por que choramos ao chegar?

“A primeira vez que eu fui na África, meu amigo Chapa me levou num museu que tem em Angola, que eles chamam de Museu da Escravidão e naquele lugar tinha uma pia, e tava escrito um texto na parede que era mais ou menos assim: ‘foi nessa pia que os negros foram batizados e através de uma ideia distorcida do cristianismo, eles foram levados a acreditar que eles não tinham alma’. Eu olhei pro meu parceiro e naquele dia eu entendi qual era a minha missão. A minha missão cada vez que eu pegar uma caneta e um microfone é devolver a alma de cada um dos meus irmãos e das minhas irmãs, que sentiram que um dia não teve uma.” (Emicida em trecho do documentário AmarElo - É tudo pra ontem)

O livro *Amoras* aborda diferentes religiões de maneira sutil e de fácil compreensão para os mais novos. Já nas primeiras páginas, no Quadro 2, referente à Figura 15, o autor cita Obatalá como “o orixá que criou o mundo”, fazendo referência ao Candomblé e à Umbanda, religiões de matriz africana. Sabemos, pelo que foi exposto na contextualização sobre a intolerância religiosa, que o preconceito com tais religiões é grande, e no passado ocorreu o processo de sincretismo dos deuses africanos com os deuses e santos católicos para que os cultos pudessem continuar acontecendo sem problemas com a Coroa. Na Umbanda, Obatalá é sincretizado como Jesus Cristo, já no Candomblé, em linhas mais embranquecidas, é sincretizado como Nosso Senhor do Bonfim.

Esse sincretismo que acontece no contexto colonial é um esforço para manutenção das práticas negras, então proibidas e reprimidas. Mas na primeira metade do século XX, a luta por essa manutenção parte para os ambientes racistas, resultando no que tem acontecido da segunda metade do século XX até hoje, a busca da legitimidade dos cultos, o aumento de pessoas brancas iniciando-se, e a visão dessas práticas como recuperação da herança cultural negra. Além do fim da repressão por parte do Estado (AMBALU et al., 2020).

²⁰ Um estilo tradicional de tranças em que o cabelo é trançado bem rente ao couro cabeludo, usando um movimento ascendente para baixo para fazer uma linha contínua e elevada.

Apesar de em 1988 a Constituição da República Federativa ter formalizado a liberdade de culto, a proteção aos locais e liturgias, a repressão não deixou de acontecer, tendo templos invadidos por policiais, grupos civis ou religiosos tomados pela intolerância. Mas essas atitudes são encontradas com resistência por parte das comunidades de religiões de matriz africanas, e os movimentos sociais negros continuam na luta pela legitimação das manifestações culturais herdadas da África no Brasil (AMBALU et al., 2020).

No Quadro 3, texto referente à Figura 16, o autor cita que a razão de chorarmos ao nascer é o afastamento da figura de deus, “que os mulçumanos chamam de Alá”, fazendo referência ao islamismo. De acordo com Ambalu et al.(2020), durante a Grande Depressão nos anos 30, surgiu nos Estados Unidos a Nação do Islã, fundada por Faard Muhammad. Outras personalidades proeminentes da Nação do Islã foram Malcom X e Louis Farrakhan. Malcom X, em associação a Nação do Islã, foi acusado de ser supremacista negro, e Farrakhan, atual líder da Nação do Islã, já foi acusado de discurso de ódio, sendo acusado de racismo, antissemitismo e homofobia.

Farrakhan teve, sim, falas controversas, mas dizer que existe uma teologia anti-brancos em sua prática parece muito com o discurso do “racismo reverso”, que é uma coisa que não existe. Não se pode negar, com base no que foi visto na contextualização sobre o racismo, que quando um homem negro ascende, uma sociedade inteira vai atacá-lo. E quem somos nós para julgar? Adepto do islamismo foi também Muhammad Ali, representado na Figura 22. Embora não seja dito o seu nome no texto verbal apresentado no Quadro 9, pela imagem percebemos que se trata dele. E Muhammad Ali, seguidor de Malcom X, teve como sua luta mais importante a luta contra o racismo.

Embora pouco disseminada no Brasil, a teologia do movimento combina crenças centrais do islamismo com um forte interesse político focado na unidade e nos direitos da população afro-americana (AMBALU et al., 2020), e apesar de todas as críticas, conseguiu com sucesso disseminar ideais sobre religião e igualdade com a população negra estadunidense.

O livro assume sua postura plural com relação a religiões quando mostra Ganesha, na Figura 17, embora não cite seu nome, como podemos ver no Quadro 4. Ganesha é um dos deuses do hinduísmo, a ele é atribuída a perfeição do equilíbrio entre força e bondade, poder e beleza, além da percepção entre a verdade e a ilusão. Ganesha é, na crença hindu, o removedor de obstáculos, é quem dá sucesso e fartura, proteção, sabedoria e é mestre do intelecto. O hinduísmo é pouco disseminado no Brasil, e não sofre tanto preconceito como outras religiões.

Então chegamos na religião que não sofre preconceito, por ser a hegemônica no Brasil: o cristianismo. Embora tenha muitas vertentes, Emicida optou por utilizar um pastor batista em

seu livro, mas não um pastor qualquer. No Quadro 10, ele anuncia no texto verbal quem está na Figura 23, Martin Luther King. Ele o qualifica como gentil, e aponta essa gentileza em sua filha. Martin Luther King Jr foi, além de pastor, um importante ativista do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos, pregando sempre que as pessoas negras fossem respeitadas, julgadas pelo seu caráter e não pela cor de suas peles.

Temos no livro quatro representações religiosas, explícitas ou implícitas, e isso corrobora com a proposta de que “não podemos ser o que não podemos ver”. A mãe baiana ao vilipendiar o livro com palavras cristãs falhou ao perceber que o objetivo do livro não é doutrinar, mas sim apresentar a pluralidade existente no mundo e deixar que as crianças pesquisem e tomem suas próprias decisões, uma maneira de emancipar também as crianças, dando-lhes a possibilidade de pensar por si mesmas.

4.3 “Papai, que bom, porque eu sou pretinha também!”

Nesse momento, abordaremos a paternidade negra, tendo em vista que o livro foi escrito por um pai negro que se converte no eu-lírico. Por todo o livro vemos representações da menina, filha do eu-lírico, e em alguns momentos (Figura 19, Figura 20, Figura 25) a representação desse eu-lírico.

No livro, a figura paterna aparece quase como a de um professor, guiando a menina para que ela chegue a suas próprias conclusões sobre sua negritude. Como vemos no Quadro 6, ele diz que se esforça para ensinar, mas acaba aprendendo com as crianças. No Quadro 7, o texto verbal nos apresenta o local em que estão, um pomar, e o que tenta apresentar para a filha de maneira implícita, que é a ideia de que ser “pretinha” é bom.

Conto agora com relatos de diferentes configurações de paternidade negra: o pai negro, o pai branco de crianças negras, um filho negro abandonado pelo pai, o meu próprio relato, e o retrato de uma sociedade que pode estar em mudança.

"Com as minhas filhas eu sempre fui uma manteiga. Com as minhas filhas eu não tenho problema nenhum, eu falo eu te amo, passo batom, coloco peruca, vou lá, saio correndo, tipo, mano... e outro dia com a minha filha, eu fui levar a Tereza na escola, (...) ela ligou, eu tava a dois anos em casa com ela por causa da pandemia, ela tava muito desacostumada (...) e eu falei pra Marina uma coisa no começo da pandemia assim: essas meninas vão sofrer demais quando voltar a rotina normal porque a gente não vai tá em casa, e a Marina me respondeu "a gente vai sofrer mais do que elas", e foi dito e feito. Passou esses dois anos, agora em Coimbra quando a gente foi pra faculdade, o dia que eu fui dormir no hotel uma noite eu fiquei... ansioso, assim, eu fiquei tipo... acelerado "mas cadê todo mundo?". No hotel só tinha eu. E agora quando eu fui deixar a Tereza na escola, ela para na escada, depois dessa uma semana, e ela fala pra mim: eu gostei muito que você voltou. Aí... como é que eu não vou retribuir um negócio

desse? Sabe? Aí eu fico me provocando, minhas filha foi (sic.) me transformando nessa manteiga. Foi me ensinando a ver essa coisa do afeto, do valor do afeto, sabe? Porque a criança, ela não tem esse filtro. E graças a Deus elas nasce (sic.) num contexto muito melhor que o contexto no qual eu nasci. Então elas não têm esse... essa coisa mais fria, mais durona de "eu não posso dizer que eu gosto do meu pai, porque senão eu vou tá pagando pau pra ele, e eu não posso pagar pau pra ninguém". Não, elas dá (sic.) um abraço, faz um desenho, diz que te ama, e aí isso foi me provocando a tentar ser assim com o meu ciclo social inteiro, porque no final das conta (sic.), um relacionamento é uma manutenção constante, né? Dá um desentendimentozinho aqui, e eu fico... então essa é uma parada que eu acho mais fascinante. Que não é todos os momentos que a gente tá 100%, sabe? Mas é em todos os momentos que nós tá disposto a fazer funcionar. E acho que essa é a arte da parada." (Emicida em Como você declara o seu amor?, Papo de Segunda no GNT²¹).

A fala de Emicida sobre como a paternidade o ensinou mais doçura, uma doçura com a qual não contou quando estava crescendo, nos mostra uma tendência de mudança na relação pai negro-filhas/os negras/os, pois é uma postura que busca mudar o que aconteceu com ele, transformar suas experiências em experiências positivas para suas filhas.

O mesmo programa abordou o assunto da autoestima de filhas/os negras/os, sob a perspectiva de quem seria o responsável por ela: são os pais?

“É claro que eu sinto isso, sinto muito. e eu acho que é minha obrigação. E principalmente eu tenho a... assim, eu penso muito nisso porque depois que meus filhos chegaram, eu descobri o quanto eu era ignorante em relação a isso. Eu comecei a enxergar coisas que eu não enxergava. E eu comecei a me perguntar "porra (sic.), por que eu não enxergava isso?". Então eu tenho um comprometimento com meu filho, com meus amigos, com quem tá ao meu redor, de mostrar aos meus filhos coisas que não foram mostrados pra mim, pros meus amigos, pros meus familiares, sabe? Heróis, milhões de heróis negros que hoje eu posso mostrar pro meu filho, que eu não conheci. E que milhões de crianças negras também não conheceram e não conhecem até hoje. Hoje eu tenho muito orgulho, porque, assim, mostrar uma foto pro meu filho de quem é Rosa Parks, ele sabe quem é. Se eu mostrar a foto do Obama, meu filho sabe quem é Obama. Se eu mostrar foto do Luther King, meu filho sabe quem é, e consequentemente meu filho que acabou de nascer também vai saber. Mas só vai saber porque o irmão vai ensinar, e o irmão só aprendeu porque o pai quis que o filho soubesse quem eram. Porque na escola não aprende. Eu até tive um papo muito bacana com o pessoal da UNICEF e da UNESCO, porque existe uma lei, eu não sei qual o número agora da lei, que obriga as escolas a ensinarem sobre África, sobre vários temas, que não é ensinado, e da maneira certa também. Porque quando você vai aprender na escola você só aprende sobre os escravos (sic.), você fala da África sempre da mesma história, e não, tem muita coisa rica, tem muitos heróis, muitos reis, que a gente não conhece. Então eu me sinto muito na obrigação de fazer isso, sabe? De conhecer. Por isso que eu tô o tempo inteiro querendo conhecer gente, pra aprender e ensinar pros meus filhos, porque eu só tô aprendendo quando eu tô ensinando. Eu só

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h5WijvwM1X8> Acesso em 10 de julho de 2023.

ensino, aprendendo.” (Bruno Gagliasso em Os pais são responsáveis pela autoestima dos filhos?, Papo de Segunda no GNT²²).

Aqui temos a perspectiva de um pai lido socialmente como branco, que adotou crianças negras, e que não tinha referência de negritude para lhes ensinar, então busca de todas as maneiras aprender sobre a cultura e ancestralidade dos filhos para poder lhes ensinar. Bruno Gagliasso assume uma postura antirracista para ensinar aos seus filhos sobre a vida, e lhes ajudar com sua autoestima. Mais um exemplo de como a paternidade, dessa vez de um pai lido socialmente como branco, mas que tem filhos negros africanos, está mudando – para melhor.

Eu fui criado de uma maneira muito dura, mano. Entendeu? Essa coisa de uma educação mais afetiva, mais sensível, mais atenciosa, num era uma tendência no Fontalis dos anos 90. (RISOS) Lá num tinha muito esse negócio de talco. (Chinelo) foi o instrumento de diálogo por muito tempo. Mas, pegando a fala do Bruno, e observando essa experiência que eu tive, hoje, depois de um tempo, essa experiência passa a representar um grande vazio na minha vida que podia ter sido preenchido com muita coisa positiva, podia ter me ajudado a me edificar e lidar melhor com um monte de problema que a vida me apresenta, sabe? Eu acho que as crianças pretas, elas vão involuntariamente e infelizmente, esbarrar num universo de muita escassez de representatividade positiva. De representação edificante a respeito de pessoas parecidas com elas mesmo. Acho que isso tudo faz parte de um projeto imenso que é o que a gente chama de racismo estrutural. Essa questão de manter as pessoas pretas, o estereótipo das pessoas pretas, ligados a imagens de miséria, violência, morte, é uma forma muito poderosa de desumanização que começa a 4 ou 5 séculos atrás, com a escravidão (sic.) em cima, aonde o argumento principal era dizer que as pessoas pretas não tinha (sic.) alma, tá ligado? Logo, elas não adentravam o reino do céu, logo, essas pessoas podiam ser tratadas como se fossem peças, saca? Então o que a gente faz agora criando crianças com uma mentalidade diferente da que a gente foi criado, e compreendendo completamente que nossos pais também não foram apresentados a essas referências, então até esse conflito que a gente tinha com a geração anterior, ele também se dissipa porque a gente também precisa ter essa empatia de se colocar no lugar das pessoas que não foram apresentadas pra essas referências se a gente quiser conduzir essa conversa pra um lugar melhor. Então o que eu faço com as minhas filhas aqui, é criar um ambiente em que elas se sintam protegidas. Alguns dias atrás tava numa entrevista com a Didi Couto e ela falou uma coisa que eu achei maravilhosa, falei que vou roubar isso aí pra mim e começar a repetir aos 4 ventos, e aí eu vou estrear aqui o que ela falou. Ela disse o seguinte, “eu fui conectada com a minha negritude enquanto tragédia, enquanto trauma, quando eu precisava ter sido conectada com a minha negritude enquanto potência”. E é isso que a gente precisa fazer. A primeira vez que a gente escuta falar sobre raça, e aí eu falo especificamente das pessoas de pele escura, sejam elas afrodescendentes ou descendentes de indígenas, a primeira vez que a gente vê acontecer uma conversa de raça é com uma ridicularização, alguma violência, seja verbal ou física, e isso marca você de uma maneira muito profunda. O que a gente precisa fazer é correr pra chegar antes dessa violência na vida das crianças. Então esse é o trabalho que a gente

²² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_E1XrkGwXVU Acesso em 10 de julho de 2023.

tem quando a gente é pai de meninos e meninas pretas. "A prática é uma escola para todos nós". Especificamente de crianças pretas, é bacana a gente pensar que vive numa sociedade que oferece uma experiência de subumanidade pras pessoas pretas, e aí no momento em que essa pessoa acerta, essa pessoa é alçada ao lugar de super-humano. E esse lugar de super-humano também é muito perigoso, porque ele vai pra o lugar do "você não pode errar". Aí eu volto pro Fontalis dos anos 90 onde minha mãe falava assim, ó, "você já é preto, você tem que fazer 10x melhor pra você ser visto como igual". Então você chega desesperado na escola, chega desesperado no trabalho, chega desesperado em qualquer círculo social que você possa vir a fazer parte, porque você não tem o direito de errar. A educação que eu tento compartilhar com as minhas filhas é a educação que não se relaciona nem com a subumanidade oferecida pela nossa sociedade, e nem com essa expectativa da super-humanidade, como se elas não tivessem o direito de errar. É com a humanidade, é isso que foi roubado das pessoas pretas ao longo dos últimos séculos. Quando elas se conectam com essa humanidade, elas compreendem que elas podem rir, chorar, demonstrar força, mas ao mesmo tempo elas também podem demonstrar fraqueza, e tudo isso é legítimo, tudo isso faz parte do que é vir a ser um ser humano, que é o que todos nós somos (Emicida em Os pais são responsáveis pela autoestima dos filhos?, Papo de Segunda no GNT²³).

Nesse outro relato de Emicida, vemos sua posição enquanto pai negro de meninas negras perante a sociedade, e vemos também como a educação que ele recebeu foi importante para a educação que ele dá para suas filhas. É claro que uma criança que cresce na periferia vai ter autoestima diferente de uma criança que não passa por essa vivência, mas a cobrança da pele negra por excelência, o não poder errar, vai além de relações socioeconômicas, e interfere imensamente na vida da pessoa negra.

A questão da paternidade negra e como ela afeta a vida dos filhos é tão importante que é uma coisa que levamos para a vida. Infelizmente, a mudança na paternidade negra é muito recente, e nós vimos duas perspectivas vindas dos pais. Agora vamos mudar o ângulo e olhar para essa relação com o olhar de filhas/os.

O dia que meu pai foi embora: ele marcou com a gente num ponto de transporte, ele disse que estava indo para São Paulo, tinha 10 reais, e passou um caminhão e ele subiu atrás. Foi embora e nunca mais eu vi. Aí eu o vi 12 anos atrás, não, dez anos atrás, que ele falou que tava com um câncer no pulmão, e ele não tava com nada. Ele falou só pra a gente ir lá, a gente foi e ele não tava com nada, tava de boa, ainda estelionatarou (sic.) dinheiro da gente, né, que ele é estelionatário profissional. Roubou dinheiro nosso. Não, ele tá lá em São José dos Campos, e aí a gente foi, foi agoniado, pegou dinheiro pra fazer... passagem, num sei o que, quando chegou lá... não tinha nada. E a gente foi criado por Ana, minha mãe, mulher da porra (sic.). Botou pra foder (sic.), professora, e ele sumiu né, do mundo. Meteu o pé e é isso. E na cabeça dele a gente ainda tem três anos de idade. Ele fala com a gente, assim, querendo nos

²³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_E1XrkGwXVU Acesso em 10 de julho de 2023.

enganar, dentro daquela, aquela proposta do estelionatário, né. E foi isso basicamente, ele foi embora, nunca mais voltou, tem uma outra filha, tem... e é foragido de um monte de coisa, de questões que ele, aí, né, infelizmente ele fez aí na vida dele. (...) Quando a gente se reencontrou, pra cê (sic.) ter uma ideia, ele pediu pra gravar um vídeo, nunca contei isso em lugar nenhum, pra gravar um vídeo pra mostrar pra minha mãe. Ele sambando. Sambando, sambando, sambando. Eu filmando. Tá lá ele sambando, e do nada ele abaixou as calças e mostrou o cu (sic.) pra câmera. Aí eu cortei o vídeo e falei "que porra (sic.) é essa, mermão (sic.), tá maluco?". Aí eu cortei o vídeo, mostrei pra minha mãe, e meu irmão que tava comigo falou "véi (sic.), o vídeo num tá completo não, tem que mostrar o vídeo completo"... porra, bicho. Aí eu mostrei o vídeo completo pra minha mãe, quando ela terminou de assistir ela disse: é por isso que você é assim (Entrevista de João Pimenta para Rafinha Bastos²⁴).

Vemos um exemplo de história de abandono parental, que não é uma história incomum. Embora João Pimenta conte a história com certo humor, até pela sua profissão de comediante de *stand-up*, não deixa de ser uma história que nós já conhecemos, e uma história triste que deixa consequências marcantes e duradouras.

Meu pai quer ser famoso agora. Ele reapareceu achando que eu sou rico. Tem até uma história engraçada, que ele reapareceu como se nada tivesse acontecido, como se tivesse vindo de algum buraco de minhoca, pegando o telefone e falando que eu tive uma sobrinha agora, a uns três anos atrás, e aí ele falou "caramba, essa menina parece pa (sic.) caramba comigo", foi a única coisa que ele falou no telefonema. Aí eu falei "meu pai, como é que a menina parece com o senhor, a menina tá aqui e nem sumiu", e aí a nossa relação voltou a partir desse momento aí, teve um gap temporal de 20 anos... meu pai meteu o pé, véi (sic.), tipo, foi viver outras coisas e aí simplesmente desapareceu. Ele sumiu e quando a gente se reencontrou ele falou uma frase que dá pra botar em um filme, um dia, se eu escrever, "teve que ser assim". Porque, assim, é uma cara de pau muito grande, entendeu? E ele reapareceu falando que tava doente, em 2012, a gente veio visitar ele por essas bandas do sudeste e aí eu descobri através de pesquisas e de várias questões, e de ter pego (sic.) o exame dele, que ele não tinha nada. Ele só queria fazer o trabalho dele de estelionato. [CORTA PARA SHOW DE STAND-UP] "Pô véi, eu fiz um show em São José dos Campos e eu tava doido pra que meu pai aparecesse no show pra ele morrer, ele infartar assim na minha frente, morrer em *live action*, ia dar visualização pra caralho (sic.) no YouTube." [VOLTA PARA ENTREVISTA] E aí eu peguei toda essa dor, guardei numa caixinha e transformei num produto (João Pimenta em entrevista ao Provoca, de Marcelo Tas²⁵).

²⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xTSKsdZS_Ak Acesso em 10 de julho de 2023.

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vO6c8onSb0Q> Acesso em 10 de julho de 2023.

As marcas deixadas pelo abandono parental são profundas e possivelmente irreparáveis, mas no caso de João Pimenta, lhe rendeu um produto. E esse abandono, sofrido por tantas crianças, faz parte da formação do caráter de cada uma delas. Eu sei como o meu caráter foi afetado pela ausência do meu pai. Ao contrário de João Pimenta, meu pai não me abandonou, a minha mãe se separou dele e ele mora em uma cidade vizinha.

Eu não me sinto abandonada pelo meu pai, ele manda mensagens pelo celular, me presenteia no meu aniversário, quando eu vou a sua casa sempre me recebe bem, e mais importante, quando eu o corrijo sobre algum assunto relacionado à comunidade LGBTQIA+, por suas falas homofóbicas e transfóbicas, ele respeita. Mas ele não participou da minha formação. A minha mãe acreditava firmemente que eu iria me mudar e morar com meu pai aos 13 anos. Jamais faria isso. Sempre foi um fardo muito grande ir todo sábado para a casa dele, porque minha mãe e minha avó me levavam quando eu era criança.

Ele só tem a mim como filha, e eu sinto uma pressão muito forte. Quem cuidará dele quando estiver idoso? Serei eu? Será que alguma atitude minha pode lhe fazer parar no hospital por pressão alta? E eu acredito que essa pressão só é forte assim porque ele não foi tão presente na minha vida como um pai deveria ser. Eu não lembro de nenhum ensinamento, nenhum valor passado por ele. Eu sei que ele sente muito orgulho de mim, mas eu espero que as pessoas para quem ele fala de mim com tanto orgulho saibam que ele não fez parte do meu “sucesso”.

Enquanto o meu caso parece leve, quando comparado ao de outras pessoas, cada um de nós carrega uma bagagem que não se pode mensurar em quilos. Se é leve, se é pesada, cabe a quem carrega saber. E eu sei que a minha mãe é quem me ajuda a carregar a minha, não o meu pai.

Hoje em dia, a paternidade é uma escolha. Não digo isso no sentido do abandono parental, mas no sentido da pressão social. Não é uma demonstração de virilidade, é um desejo de desempenhar um papel. Cada vez mais os pais, especialmente os pais negros, estão dando mais atenção e cuidado a filhas e filhos, pois estão dando algo que não receberam e aprenderam que era importante ter. Isso é o que transmite a fala de Emicida. A fala de Gagliasso nos mostra o esforço dos socialmente lidos como brancos para dar referências negras a suas crianças. Já o caso de João Pimenta nos mostra que nem sempre foi assim, mas que nem sempre é uma história tão triste. Através do meu relato, mostro um pai que aprendeu a respeitar quem a filha se tornou, talvez por imposição, talvez por saber que não é resultado de sua criação. Mas de todos os casos, o caso a seguir é o melhor.

Precisamos levar em consideração a desigualdade socioeconômica e racial no nosso país, além das interseccionalidades que perpassam o homem pai negro no Brasil, para poder

afirmar com precisão, sem discursos rasos, qualquer coisa sobre a paternidade negra. Um pai negro não é apenas um pai negro, é um homem negro, é um trabalhador, é uma pessoa que luta em diversas frentes na nossa sociedade. Por isso é importante que se multipliquem grupos de apoio como o Coletivo Pais Pretos Presentes, os grupos de Whatsapp Ciranda dos Pais Pretos e “Paternidade preta!”, entre outros.

Trabalhar a autoestima do pai negro contribui para a autoestima de suas filhas e filhos. Temos urgentemente que levar em consideração a sociedade em que vivemos antes de colocar a culpa das falhas e faltas nesses homens.

“A paternidade nos dá uma chance de olhar para si e se ressignificar. Fazer parte do coletivo traz nessa nova jornada um entendimento de que não estamos sós, somos ubuntu. Juntos, aquilombados, somos potência e ao homem preto cabe receber todo amor, inclusive o próprio, o mesmo amor que é a essência do paternar preto” (Cauê Ranzeiro, sociólogo e fundador do Instituto Formação Antirracista, em Primeiro relatório sobre as paternidades negras no Brasil).

Ranzeiro fala no aquilombamento dos pais pretos como uma forma de apoio e resistência, e sobre o amor que se necessita ter para ser pai, amor que muitos homens negros nunca receberam. Então olhemos com carinho para o futuro, porque ele parece promissor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “*PARA QUE AMANHÃ NÃO SEJA SÓ UM ONTEM COM UM NOVO NOME*”

Tendo falado sobre racismo, religião, da violência, da mulher negra, de movimentos sociais, do poder da narrativa, da socialização e da infância, além da política do cabelo, das representações religiosas no livro *Amoras* e na paternidade negra, chegou a hora de colocar todas essas coisas em perspectiva e fazer projeções para um futuro melhor após esse livro.

Primeiramente, destaco que o livro é composto por frases pequenas e poéticas, além de ilustrações bonitas e fáceis de replicar. O livro é escrito por um pai preto para todos que se propuserem a ler, é vendido em livrarias e no site do Laboratório Fantasma, e tem sido cada vez mais consumido, inclusive em escolas, como vimos na Bahia. *Amoras* aborda um tema muito delicado de se tratar na sociedade brasileira, ainda mais com crianças, mas faz isso com leveza e poesia, podendo servir de acalanto a quem se identifica com a história. Ter diferentes representações de religiões e referências a personalidades históricas negras (Martin Luther King, Zumbi dos Palmares e Muhammad Ali) nos dá a impressão de que esse livro busca abrir a mente de quem o lê e lhes apresentar exemplos de excelência negra, mesmo que apenas de homens. Acredito que o escritor colocou apenas homens porque é o seu processo de identificação, Rosa Parks poderia dizer “nada foi em vão”, mas talvez não fosse se relacionar tanto com o eu-lírico no papel de pai.

O livro, muito como esse trabalho, busca quebrar a visão hegemônica de que as pessoas negras estão em uma posição inferior às brancas, e construir sob uma nova lente a perspectiva de que as crianças negras podem tanto quanto as brancas. *Amoras* busca emancipar e ajudar a criança negra a alcançar sozinha a conclusão de que é bela e digna de tudo que as outras crianças são e, ao chegarem a essa conclusão sozinhas, a ideia vira uma convicção.

Escolhi adicionar ao título desse capítulo “para que amanhã não seja só um ontem com um novo nome” porque a visão que *Amora* passa é essa: vamos emancipar essas crianças, vamos dar oportunidade, vamos elevar a autoestima, vamos fazê-las pensar e desenvolver senso crítico, para que o futuro não seja só uma repetição do passado. Nós, negras e negros adultos chegamos aonde chegamos, passando pelas dificuldades que passamos, para que as nossas pretinhas e pretinhos possam ter um futuro melhor que o nosso. É a tentativa de uma sociedade antirracista.

Então eu volto à minha infância, ao incidente da piscina. Olhando com a lente que eu uso agora, Ana Flora do passado não precisava chorar. Ela era uma criança linda e tinha um futuro lindo pela frente. E daí se uma menina fez o pessoal não querer brincar com ela? Hoje eu sei o potencial que aquela menina tinha. Volto à minha adolescência, no ensino médio,

quando senti vergonha por ter minha cintura tocada por um homem mais velho que dizia coisas que eu não entendia. Essa Ana Flora não precisava sentir vergonha, não estava fazendo nada de errado. A Ana Flora de hoje, vendo essa situação acontecer com outra menina, iria intervir, porque entende o peso que aquela cena carrega para quem vê e para quem vive. Volto ao momento em que queria comprar uma capinha de celular no shopping mais chique da cidade e a vendedora presumiu pela cor da minha pele que eu não teria dinheiro para gastar na loja. Eu não teria deixado a minha mãe ir nessa loja comigo e comprar uma coisa cara, eu simplesmente não gastaria o meu dinheiro (na época, dos meus pais) onde ele não era bem-vindo. Essa é uma cena que se repete, principalmente quando vou à livraria. Fico horas sentada no chão lendo contracapas, ando para cima e para baixo com livros nos braços esperando ser atendida. Só que hoje eu ando de preto, feito Pantera Negra, e não saio de cabeça baixa. Minha cabeça só abaixa hoje para receber um beijo da minha mãe.

Vou colocar dessa maneira: Ana Flora antes de Amoras, e Ana Flora depois de Amoras. O que mudou? Quando eu conheci Amoras já era bem subversiva, já não comprava brinquedos que tivessem qualquer conotação de gênero para meus sobrinhos, já dava livros sobre feminismo e o poder da narrativa para amigas com posicionamentos contrários aos meus, já sabia o valor de um livro como Amoras. Mas Ana Flora depois de Amoras, e depois dessa pesquisa em que se debruçou e que a fez conhecer mais sobre sua cor, pensa muito em como teria sido tão mais fácil crescer e passar por todas as situações que lembra e que não lembra se tivesse Amoras naquele tempo. A lente que eu uso para ver o mundo hoje mudou completamente, e ainda bem que mudou.

Amoras é um livro extremamente necessário para a autoestima das pessoas negras, e chegar mais cedo é chegar antes do trauma que o racismo causa. Então leiamos Amoras, para que o futuro seja doce, doce como as amoras pretinhas.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de (Org.) **Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.
- ALMEIDA, Silvio. **O Que é racismo estrutural?** São Paulo: TV Boitempo, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU>. Acesso em: 02 maio 2023
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2020.
- AMBALU et al., **O Livro das religiões**. Trad. Bruno Alexander. 2ª Ed. São Paulo: Globo, 2016.
- BARROS, André; PERES, Marta. Proibição da maconha no Brasil e suas raízes históricas escravocratas. **Revista Periferia**, v. 3, n. 2. p. 1-20, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3953>. Acesso em: 02 maio 2023.
- BENTO, Cida. **O Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 02 maio 2023.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 02 maio 2023.
- BRASIL. **LEI Nº 7.960, DE 21 DE DEZEMBRO DE 1989**, Dispõe sobre prisão temporária. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7960.htm. Acesso em 15 de julho de 2023.
- BRASIL. **LEI Nº 11.343, DE 23 DE AGOSTO DE 2006**, Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm. Acesso em 15 de julho de 2023.
- BRASIL. **LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**, Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em 15 de julho de 2023.

BRASIL, Ipea. **Retratos das desigualdades de gênero e raça**. Distribuição percentual das famílias, por tipo de arranjo familiar, segundo sexo do/a chefe de família - Brasil, 1995 a 2015. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html. Acesso em: 10 julho 2023

CABRAL, Sara Regina Scotta; FUZER, Cristiane. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo, SP: Selo Negro Edições, 2011.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Cidadania nos Presídios**. Brasília, DF: CNJ, [ca2000] Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario/cidadania-nos-presidios/>. Acesso em: 02 maio 2023.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **O encarceramento tem cor, diz especialista**. Brasília, DF: CNJ, 2020. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/o-encarceramento-tem-cor-diz-especialista/>. Acesso em: 02 maio 2023.

DK. **The black history book: big ideas simply explained**. [s.l.] Dk Publishing (Dorling Kindersley), 2021.

EMICIDA. **Amoras**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis**. Londres, Nova York: Longman, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**, 50ª edição. Global Editora. 2005.

GARCIA, Alê. **Negros gigantes**. Cotia - SP: Latitude, 2022.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. Londres: Hodder Arnold, 2004.

INSTITUTO PROMUNDO. **Primeiro relatório sobre as paternidades negras no Brasil**. Brasília, DF: Instituto Promundo, 2021.

IRIAT, Mirela Figueiredo Santos; SOUZA, Alisson da Silva. Uma leitura crítica das abordagens teóricas sobre o desenho infantil: por uma pedagogia da estética. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 19, n. 57, p. 322-343, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. Londres, Nova York: Routledge, 2006.

LIMA, Kelly Diogo de; PIMENTEL, Camila; LYRA, Tereza Maciel. Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 26, suppl 3, pp. 4909-4918. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.24242019>. Acesso em 10 jul. 2023.

MANTEI, Jessica.; KERVIN, Lisa. Interpreting the images in a picture book: Students make connections to themselves, their lives and experiences. **English Teaching: Practice and Critique**, v. 13, n. 2, 76-92, 2014.

MEMÓRIAS da ditadura: maior acervo online sobre a história da ditadura no Brasil. [s.l: s.n.], [2012?]. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/>. Acesso em: 02 maio 2023.

MEURER, José Luiz. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. Itinerários: **Revista de Literatura**, n. 17/18, 2001.

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO. **Carta de Princípios**. [s.l: s.n.], 1978. Disponível em: <https://mnu.org.br/wp-content/uploads/2020/07/CARTA-DE-PRINC%C3%8DPIO-MNU-1.pdf>. Acesso em: 02 maio 2023.

MULHER negra é a base da pirâmide: especial dia internacional da mulher. **Canal Preto**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wZB9T3YapE4>. Acesso em: 02 maio 2023.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020.

PAULINO, Silvia Campos; OLIVEIRA, Rosane. Vadiagem e as novas formas de controle da população negra urbana pós-abolição. **Direito em Movimento**, v. 18, n. 1, p. 94–110, 2020. Disponível em: https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistadireitoemovimento_online/edicoes/volume18_numero1/ve rsaodigital/94/. Acesso em: 02 maio 2023.

PRAWUCKI, Rubens. **Girls don't climb trees. Boys don't cry: a critical discourse analysis of gender roles in a narrative for children**. 1998. Dissertação. (Mestrado em Letras Inglês) Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1998.

RESENDE, Viviane de Melo. Perspectivas Latino-Americanas para decolonizar os estudos críticos do discurso. In: RESENDE, Viviane de Melo. (Org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 19-46.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Relações interraciais e a solidão da mulher negra**. São Paulo: TV Boitempo, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ZNx1LV6c4A>. Acesso em: 02 maio 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2020.

SANTOS, Carla Adriana da Silva. **Ó Paí, Prezada!** racismo e sexismo institucionais tomando bonde no Conjunto Penal Feminino de Salvador. 2014. 51f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/18987> Acesso em: 02 maio 2023.

APÊNDICES: Amoras em análise

Quadro 1 – Texto verbal

O melhor palco para um pensamento que dança	é (está)	dentro da cabeça das crianças.
Identificador	Proc. Relacional	Identificado

um pensamento que	dança
Ator / Comportante	Proc. Material (ou Comportamental?)

Observando o cunho poético do texto de Emicida, já na primeira frase percebemos que ele trata o pensamento das crianças de maneira metafórica, como personagens que dançam num palco metafórico, que seria a cabeça das crianças. Pensamentos que dançam podem se relacionar com a ideia da própria criança, que pula, dança, brinca.

Figura 18: Imagem 1 Amora



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção representacional:
Representação narrativa: processo reacional não-transacional;
Representação conceitual: processo simbólico (cabelo semelhante às nuvens, cor da pele negra, brinco - que pode significar que se trata de uma menina);

- Metafunção interacional:
Contato por oferta, indicando impessoalidade; distância social em plano aberto, pois conseguimos ver todo o seu corpo e ainda parte do cenário; atitude em ângulo oblíquo; poder no nível do olhar;
- Metafunção composicional:
Saliência - as cores que saem da cabeça da criança.

A Figura 18 se relaciona com o texto “melhor palco para um pensamento que dança é dentro da cabeça das crianças”, e como de sua cabeça emanam cores, estas podem simbolizar seus pensamentos, que, apesar de estarem em linhas retas ou oblíquas, podem ser dançantes.

Quadro 2 – Texto verbal

[Você]	Pode olhar
Ator	Proc. Mental

lá	tudo	é	puro e profundo	que nem Obatalá,
Circ. Lugar	Portador	Proc. Relacional	Atributo	Circ. Comparação

o orixá que	criou	o mundo
Ator	Proc. Material	Meta

Nessa parte do texto, temos um processo mental e um material, o mental sempre atuando na subjetividade, no querer, ver, sentir, pensar; enquanto o material indica ação concreta, no texto representado por “criou”, mas podendo ser qualquer ação relacionada a fazer, atuar. Essa frase ainda se refere ao “palco” que é a cabeça das crianças, tendo atribuído ao que se passa nelas pureza e profundidade, aproximando-as do divino, aqui representado por Obatalá, que na mitologia de algumas religiões de matriz africana, é o orixá que criou o mundo.

Figura 19: Imagem 2 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção Representacional: representação narrativa, processo não-transacional (olhos fechados); representação conceitual: processo simbólico (coroa - taxonomia implícita, que indica superioridade), cor da pele, manto branco;
- Metafunção Interacional: Contato por oferta dando um ar de impessoalidade; distância social em plano aberto, porque podemos ver toda a sua figura e boa parte do plano de fundo; atitude por ângulo frontal, indicando envolvimento com o leitor; poder em nível de igualdade, por estar no nível do olhar;
- Metafunção composicional: Saliência - O representado (Obatalá) está flutuando entre nuvens laranjas, podemos dizer também que ele está na parte superior da imagem, o que daria a ideia de que Obatalá é um ser ideal, superior, divino.

Na Figura 19, a imagem se refere ao orixá Obatalá que, de acordo com a mitologia e religiões Candomblé e Umbanda, é o criador do mundo. Ele aparece como uma figura de fato divina, que não toca o chão, flutua entre as nuvens em posição de meditação. É criada aqui uma intertextualidade com as religiões de matrizes africanas, que são de extrema importância na cultura negra e para o resgate da ancestralidade desse povo.

Quadro 3 – Texto verbal

Por que	[nós]	choramos?
Circ. razão	Comportante	Proc. Comportamental

ao [quando]	[nós]	chegar [chegamos]
Circ. Tempo	Ator	Proc. Material/Comportamental

[As pessoas]	dizem	que
Dizente	Proc. Verbal	

Por	nos	afastar	de Deus.
Circ. razão	Ator	Proc. Material	

Que [Deus]	é	o que os Muçulmanos chamam de Alá.
Identificado	Proc. Relacional	Identificador

Neste momento do texto, iniciamos com um processo comportamental - chorar. Os processos comportamentais se referem ao que está entre o mental e o material, podendo ser interpretados como os processos que não podemos controlar - como nascer, dormir, chorar. “Chegar” poderia ser interpretado como um processo material, mas levando em consideração que o autor optou por uma linguagem poética em seu livro, “chegar” adota um significado diferente - o de nascer. E nascer é uma ação involuntária, dando a esse “chegar” a possibilidade de ser analisado como um processo comportamental. Na segunda parte dessa passagem, nós temos a referência a mais uma religião, o islamismo, e posteriormente veremos a figura de um lutador negro norte-americano que se converteu ao islamismo.

Quando o assunto é documentos que regem e regulamentam o ensino no Brasil, temos a questão da pluralidade de ideias como base para o ensino (Lei nº 9.394/1996). Aqui começamos a ver que o livro se encaixa bem nessa premissa, mostrando pluralidade de religiões.

Figura 20: Imagem 3 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção Representacional: Representação narrativa, processo acional não-transacional (vetores: seus olhos e suas mãos); Representações conceituais: simbólicas: a lágrima, e a linha rosa, que pode remeter ao cordão umbilical;
- Metafunção Interacional: Contato por oferta, nos passando ideia de impessoalidade, pois a criança não nos olha; distância social por plano fechado, apesar de vermos todo o corpo da criança, vemos de muito perto, nos dando uma ideia de intimidade; atitude em ângulo oblíquo, indicando oposto, certo distanciamento, possivelmente porque a criança ainda está no útero ou está prestes a nascer; poder em nível de igualdade, já que o ângulo está no nível do olhar;
- Metafunção Composicional: Saliência: as estrelas e o fundo escuro podem remeter ao céu, ou a escuridão pode remeter ao fato de o bebê ainda estar no útero. Mas como podemos ver nuvens e estrelas, remeter ao céu e o choro ao distanciamento de deus é mais provável;

A Figura 20, nos processos verbais, o eu-lírico pergunta o motivo de se chorar ao nascer, e o dizente responde que seria por nos afastarmos de Deus, lembrando ao leitor que os mulçumanos chamam de Alá, que é um processo de identificação. Na imagem, relacionando com o texto, a criança chora sobre um plano de fundo preto estrelado, que remete ao céu e à proximidade de Deus, e é perpassada por uma linha rosa, que remete ao cordão umbilical, então poderíamos interpretar como o momento do nascimento e também o afastamento do divino. Aqui o divino é exposto como Alá, acrescentando à questão de pluralidade do livro, e abrindo

espaço para a discussão sobre religiões, dado o fato do cristianismo não ter aparecido ainda, tira o protagonismo de uma das religiões mais populares do mundo e abre espaço para construção de conhecimento acerca de outras realidades.

Quadro 4 – Texto verbal

Nesse planeta,	Deus	tem	tanto nome diferente
Circ.: lugar	Possuidor	Proc. Relacional	Possuído

que, pra	[Ele = Deus]	facilitar,
Circ. Propósito	Atribuidor	Proc. Relacional

[Ele = Deus]	decidiu morar	no brilho dos olhos da gente.
Experienciador/Ator	Proc. Mental/Material	Circ.: lugar

Nessa parte do texto, a predominância do processo relacional indica que Deus, que está agindo nesses processos, aparece como uma figura a quem é atribuído uma variedade grande de nomes, mas ele aparece como um agente facilitador através do processo de decidir morar (decidir acontecendo no plano mental e morar no material) no brilho dos olhos da gente, novamente uma fala poética para simbolizar que Deus estaria nos olhos de cada um, independentemente de nome ou credo.

Figura 21: Imagem 4 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção representacional: Representação narrativa, processo acional não-transacional (Ganesha tem um olho aberto e uma mão imposta nos abençoando). Representações conceituais: Valor simbólico - corpo humano com cabeça de elefante (que indica inteligência e fidelidade), o tamanho das orelhas (que indicam a habilidade de escutar as pessoas que procuram ajuda e para refletir sobre verdades espirituais), apenas uma mão levantada (nos passando bênçãos e proteção), uma das presas quebradas (a presa quebrada simboliza sua habilidade de superar dualidades, e a utiliza como lápis), um dos olhos aberto e o outro fechado;
- Metafunção interacional: Processo de contato por demanda, porque Ganesha está de frente para o leitor e o observa; distância social em medium shot, criando uma distância relativamente próxima, mas que não nos deixa tão próximos, nem tão distantes para que vejamos seus outros detalhes; e poder em nível de igualdade, pois o ângulo em que o vemos está no nível do olhar.
- Metafunção composicional: A cor de Ganesha, que é vermelha no livro, é a cor em que ele é comumente representado na cultura hindu.

Quando no texto verbal se diz que “nesse planeta Deus tem tanto nome diferente que resolveu morar no brilho dos olhos da gente”, a Figura 21 nos mostra mais uma divindade: Ganesha, porém não nos apresenta seu nome (nem no glossário no fim do livro). Nesse momento, então, ele não quer que o leitor se apegue a terminologias, mas aponta para uma pluralidade ainda maior de religiões que não é comum que muitas crianças conheçam.

Como a possível intenção do texto é omitir o nome Ganesha, dizendo que é uma representação de Deus, podemos considerar que a criança que lerá o livro não está familiarizada com a divindade, cabendo ao leitor a busca por quem é essa divindade e a qual religião ou doutrina pertence, apesar de citar Alá e a qual religião pertence, o que pode ser intencional, para que se quebre a barreira de religiões diferentes e se mantenha o foco no fato de apesar de aparecer com nomes diferentes, cada religião tem suas divindades, e que todas devem ser igualmente respeitadas.

Quadro 5 – Texto verbal

[Os pensamentos dos pequenos]	[Surgem]	Com olhos de jabuticaba e cabelos de nuvem
Ator	Proc. Material	Circ.: Acompanhamento: comitativo

[Eles]	Vão espalhando	toda beleza	por aí.
Ator	Proc. Material	Meta	Circ. lugar

Seguindo com a linguagem poética, Emicida faz aqui sua primeira referência a negritude com os “olhos de jabuticaba”, que indicariam olhos grandes e escuros, e “cabelos de nuvem”, uma referência ao cabelo afro. Aqui há a presença do processo material “vão espalhando”, que se relaciona com a imagem ao passo que ela mostra do cabelo da menina “nuvens” coloridas, simbolizando a beleza que está sendo espalhada por aí.

Figura 22: Imagem 5 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção representacional: representação narrativa, processo reacional não-transacional; representação conceitual, processo simbólico: a criança usa um par de brincos, o que pode sugerir que se trata de uma menina.
- Metafunção interacional: Processo de contato por oferta, o que nos distancia um pouco dela, sendo um processo impessoal; distância social em long shot, fazendo com que vejamos a criança por inteiro, além de seu cabelo e das nuvens coloridas que saem dele, referenciadas no texto verbal; poder em nível de igualdade, tendo em vista que o ângulo está no nível do olhar do leitor.
- Metafunção composicional: Saliência: de acordo com o texto verbal, "os pensamentos dos pequenos surgem com olhos de jabuticaba e cabelos de nuvem", os olhos da personagem representada são, de fato, pretos e grandes como jabuticabas e seus cabelos pretos, assim como as "nuvens" coloridas que saem dele, remetendo ao texto e atraindo a atenção do leitor.

Na Figura 22 temos as duas primeiras manifestações de negritude remetidas ao texto verbal, seu cabelo “de nuvem” e seus olhos “de jabuticaba”. Temos a continuidade do uso de brincos, que na sociedade patriarcal em que vivemos tem sua construção social remetida ao feminino, embora as roupas da criança não tenham marcação de gênero. As nuvens coloridas chamam atenção para o texto verbal. (Enquanto público do livro, já se sabe que se trata de uma menina, pois o eu-lírico é Emicida e ele fala a uma de suas filhas).

Quadro 6 – Texto verbal

[Eu] Me	esforço para ensinar,
Experienciador/Ator	Proc. Mental/Material

mas	foi	com eles	que	[eu] aprendi.
	Proc. Relacional	Identificador		Identificado

[eu]	aprendi	com eles
Experienciador	Proc. Mental	Circ.: Maneira: meio

Nessa frase temos dois processos, o referente a “esforço para ensinar”, que está marcado como mental e material por “esforçar” ser um processo mental e “ensinar” um processo material, e “foi”, como processo relacional, por ser uma representação da relação (verbo ir). Nessa frase o eu-lírico reflete sobre sua relação com as crianças, as quais ele tenta ensinar, mas com quem acaba aprendendo, possivelmente tratando de lições da vida, já que anteriormente ele diz como a cabeça das crianças é um “palco para pensamentos dançantes”.

Figura 23: Imagem 6 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção representacional: Representação conceitual, processo simbólico: a cor da pele do participante representado e o modo como seus cabelos foram desenhados indicam que é um homem negro de cabelo cacheado. Seus olhos fechados e a testa enrugada podem traduzir o que diz o texto, que ele se esforça para ensinar, mas acaba aprendendo.
- Metafunção interacional: Distância social em plano fechado, nos dando um grau de intimidade maior com o participante; atitude em ângulo frontal, causando certo envolvimento com o participante representado; poder no ângulo do nível do olhar, representando um grau de igualdade entre o personagem e o leitor.
- Metafunção composicional: Saliência: As linhas coloridas em segundo plano podem indicar o fluxo de pensamento do participante representado.

O fato de o participante da Figura 23 estar de olhos fechados pode indicar um estado reflexivo, pensando em como se aprende com as crianças e seus pensamentos dançantes. As linhas coloridas, pontos e asteriscos podem indicar o fluxo de pensamento do participante, que pelos óculos, cabelo e cor da pele podemos identificar como sendo o próprio Emicida.

Quadro 7 – Texto verbal

Em um passeio	com a pequena	no pomar,
Circ. Tempo	Acompanhamento: comitativo	Circ. lugar

[Eu]	explico	que
Dizente	Proc. Verbal	

as pretinhas	são	o melhor que há.
Identificado	Proc. Relacional	Identificador

Nesse momento do texto, temos dois processos: o verbal e o relacional. Já sabemos que o processo relacional está ligado a verbos como ser, estar e ter, aqui não é diferente, ele relaciona as pretinhas (amoras) com seu adjetivo, ou identificador, que é “o melhor que há”. Já o processo verbal nos mostra que o pai, eu-lírico, está dizendo coisas para a filha, “explicando”. É interessante notar que aqui é o momento em que ele demonstra para a menina a qualidade (de ser “o melhor que há”) das “amoras pretinhas”, pois é a partir daqui que a menina poderá fazer sua reflexão e tirar as suas próprias conclusões acerca de sua autoimagem com base na metáfora das frutinhas.

Figura 24: Imagem 7 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção representacional: Representação conceitual, processo analítico: apenas a mão e uma parte da camisa do personagem aparecem. Com base na imagem anterior, podemos assumir que trata-se do homem que foi representado.
- Metafunção interacional: Não se aplica.

- Metafunção composicional: Valor da informação: apesar de não haver um contraste na área inferior da imagem, baseando-me no texto, o personagem está colhendo uma "amora pretinha", que está no topo da imagem, e explicando que estas são as melhores. Podemos assumir, assim, que aquele é o ideal, por estar na área superior da imagem, e pelo texto que acompanha.

Ter uma mão aparentemente colhendo uma amora na Figura 24 nos mostra que ela é o ideal a se alcançar, inclusive por estar na parte superior da imagem. Baseando-nos na Figura 23, podemos inferir que a mão que colhe a amora é a mão do pai, Emicida, por meio da associação da cor da camisa que ele veste, além de, como citado no texto, ele afirmar que tal momento ocorre num passeio com a filha no pomar.

Quadro 8 – Texto verbal

Então	a alegria	acende	os olhos da menina;
Circ.: tempo	Ator	Proc. Material	Meta

que	conclusão incrível	alcançou	a pequenina?
	Fenômeno	Proc. Mental	Experienciador

Notamos aqui que, apesar de termos um processo material e um mental, o ator do processo material não é a menina, mas sim “a alegria”, o que nos leva a crer que a menina não age nessa situação. Ao longo do texto, os processos materiais não partem dela, indicando que a menina não age nos processos, apenas mentaliza ou vocaliza. O processo mental podemos ver que se refere a menina, com a pergunta “qual conclusão incrível a pequenina alcançou?”, mas ainda assim a inversão de “pequenina” e “alcançou” indicam uma passividade por parte da menina. Está tudo no plano das ideias.

Figura 25: Imagem 8 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção representacional: representação narrativa reacional não-transacional; representação conceitual: simbólica - a cor da pele, o cabelo que aparenta ser cacheado, o brinco (que poderia indicar se tratar de uma menina, mas pelo texto, a esse ponto já sabemos que é).
- Metafunção interacional: contato por oferta, pois ela não olha para o leitor, mas para o lado; distância social em close up, nos indicando um contato mais íntimo com a participante representada; atitude em ângulo frontal, indicando envolvimento com o leitor; o ângulo está no nível do olhar, indicando um grau de igualdade com o leitor.
- Metafunção composicional: Não se aplica.

No texto referente a Figura 25 o eu-lírico parece ver que a menina alcançou uma conclusão depois das reflexões acerca das frutinhas e sua doçura. Parecendo pensativa, ela quase sorri, olhando para o lado. Podemos inferir a partir do texto e das imagens anteriores que ela pode estar olhando para seu pai, que colhe a amora.

Quadro 9 – Texto verbal

[Ela] é	Forte	como um lutador no ringue
Portador	Atributo	Circ.: Modo

Referindo-se à menina como uma pessoa forte como um lutador, o eu-lírico atribui a ela força incompatível com a de uma criança, mostrando, através da comparação, que ela está

superando expectativas. O eu-lírico fala apenas “um lutador”, como se pudesse ser qualquer um, mas através da análise da imagem veremos que não se trata de um lutador qualquer.

Figura 26: Imagem 9 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção representacional: Representação narrativa, processo acional não-transacional (olhos e luvas); Representação conceitual: processo simbólico - as luvas de boxe, as gotas de suor e as rugas. Além de, novamente, a cor da pele;
- Metafunção interacional: Contato por demanda, nos aproximando desse personagem, dando um nível mais pessoal à interação; distância social em plano fechado, mostrando ainda mais intimidade com esse personagem representado; atitude em ângulo frontal, indicando envolvimento com o leitor; ângulo está no nível do olhar, indicando um grau de igualdade com o leitor, então tudo indica que a relação entre o participante e o leitor é forte, mas no texto não é dito seu nome.
- Metafunção composicional: O participante está, sobre um fundo vermelho, centralizado entre luvas da mesma cor, e aparece com gotas de suor em sua face.

Na Figura 26, temos a representação de um lutador de boxe, e saberíamos disso mesmo sem o texto verbal para auxiliar. Mas ele está ali para mais que isso, para dizer ao leitor que a menina está agindo de maneira “forte como um lutador”. Apesar de o eu-lírico não citar o nome do lutador, ao olharmos com atenção para o rosto representado, percebemos semelhanças com um lutador em particular: Muhammad Ali. Ele foi seguidor de Malcom X e sua luta mais importante foi contra o racismo, além de ter se negado a ir à guerra no Vietnã pelos Estados

Unidos por não querer lutar por um país que não valorizava suas minorias e não achar justa a questão da guerra. Além de adepto do islamismo, novamente demonstrando a questão da pluralidade cultural.

Quadro 10 – Texto verbal

E [ela] é	gentil	como Martin Luther King
Portador	Atributo	Circ.: Modo

Mais uma característica é atribuída à menina, a gentileza de Martin Luther King. No texto, essa é a única referência a uma figura cristã, o que pode nos levar a inferir que as outras religiões precisam de maior protagonismo, tendo em vista que o cristianismo é amplamente divulgado em todo o país.

Figura 27: Imagem 10 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção representacional: representação conceitual, processo simbólico: o terno e os olhos fechados passando a ideia de serenidade que um pastor teria;
- Metafunção interacional: contato por oferta, distância social em plano fechado, e atitude em ângulo frontal, indicando algum envolvimento com o leitor, embora ele esteja de olhos fechados e aparente não ter nível de interação com o leitor. É possível que seu

nível de interação seja exatamente a intimidade, o envolvimento e, por fim, o ângulo, que está no nível do olhar, indicando um grau de igualdade com o leitor.

- Metafunção composicional: O participante está centralizado na imagem em preto e branco, com nuvens passando no plano de fundo, e olhos fechados, como que em estado de meditação.

Na Figura 27 temos identificado Martin Luther King, um pastor muito conhecido por sua luta pelos direitos civis dos negros de maneira pacífica e pacificadora. Suas feições na figura são calmas, passando serenidade, e isso interage com a ideia de que, como ele é descrito no texto verbal “gentil”, a menina é gentil também. Combinando as qualidades do lutador, forte, e do pastor, gentil, a menina segue. Martin Luther King foi pioneiro na luta pacífica pela defesa dos direitos civis e pela justiça social, e influenciou seu filho a entrar nessa luta também, tornando Martin Luther King Jr. uma das figuras mais proeminentes do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos.

Seria possível assumir aqui que, no livro, trate-se de King Sênior, por não haver a marcação “Jr.”. No glossário do livro, a apresentação desse personagem histórico aparece também ambígua: “foi um importante pastor e ativista norte-americano, figura central de uma campanha que pregava a não violência e o amor ao próximo. Lutou para que as pessoas não fossem julgadas pela cor de sua pele, mas sim pelo seu caráter”. Mas dizer que ele lutou para que as pessoas fossem julgadas pelo caráter e não pela cor de sua pele é um indicador de que trata-se de Jr., pois nos lembra de seu discurso na Marcha sobre Washington, em 1963, o famoso “I have a dream!”: “Eu tenho um sonho que minhas quatro pequenas crianças viverão um dia em uma nação onde elas não serão julgadas pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter”.

Quadro 11 – Texto verbal

Ela	apanha	amoras	dos galhos e do chão.
Ator	Proc. Material	Meta	Circ. Lugar

Ao	[Ele]	vê	-la,
Circ. Tempo	Experienciador	Proc. Mental	Fenômeno

Zumbi dos Palmares	diria:
Dizente	Proc. Verbal

Nada	foi	em vão
Portador	Proc. Relacional	Atributo

Aqui nós temos um dos poucos momentos em que a menina agiu em um processo material, quando apanha as amoras, tomando o espaço de ator. E Zumbi dos Palmares aparece como experienciador do processo mental de “ver” e dizente no processo verbal “diria”, tendo como sua única ação a hipótese de fala, quando a frase “nada foi em vão” refere-se à sua luta, e à luta de tantos outros pela libertação do povo negro.

Figura 28: Imagem 11 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção representacional: representação narrativa - processo reacional não-transacional; Representação conceitual - processo simbólico (o plano de fundo remete a florestas, que pode simbolizar um quilombo, que tipicamente eram em locais de difícil acesso e eram localizados em matas, selvas ou morros).
- Metafunção interacional: contato por demanda, dando uma ideia de que estamos envolvidos em nível pessoal com esse participante; distância social em plano fechado,

aumentando essa sensação, por ser um ângulo que transmite intimidade; poder em nível de igualdade, por ter um ângulo no nível do olhar do leitor.

- Metafunção composicional: O participante tem sobrancelhas grossas e feições típicas de uma pessoa negra. Além de estar centralizado sobre um plano de fundo que remete a localização dos quilombos.

A representação de Zumbi dos Palmares já não parece tão serena quanto a de Martin Luther King, mas cansada, com olhos baixos, no meio de plantas, simbolizando o local em que os quilombos normalmente eram instalados, escondidos no meio de matas. O eu-lírico dizer que Zumbi diria que “nada foi em vão” ao ver a menina colhendo as amoras nos passa a ideia de que ele teria orgulho da menina, e que o eu-lírico também está orgulhoso, porque seus ensinamentos não estão sendo levados levianamente.

Quadro 12 – Texto verbal

[ela]	Fez	as palavras	soarem	como canto
Iniciador	Proc. Material	Ator	Proc. Material	Circ. Papel

[ela]	ao brincar	com as frutinhas sabor de acalanto.
Ator	proc. Material	Circ. Acompanhamento: comitativo

Aqui a menina atua como iniciador de um processo material, tornando-a ativa na situação, mas agindo como um meio para que as palavras pudessem realizar o processo material de “soar” como canto. Novamente a menina participa de um processo material, brincar, mas dessa vez como ator do processo. Ainda na linha de raciocínio poética do autor, ele sente vir da menina uma doçura que o leva a ouvir o que ela tem a dizer com um tom de leveza e, como canto, agradável.

Figura 29: Imagem 12 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção representacional: Representação narrativa, processo reacional não-transacional; Representação conceitual, processo simbólico (amora sobre a cabeça do personagem e traços que poderiam indicar que acabou de ter uma ideia);
- Metafunção interacional: Contato por oferta; distância social por close-up, indicando intimidade; ângulo frontal, indicando certo envolvimento com o leitor; e o personagem representado está em poder de igualdade com o leitor;
- Metafunção composicional: Temos a amora pretinha como ideal (valor da informação), na área superior, com traços amarelos ao redor (saliência), que podem servir para dar ênfase à amora.

Na Figura 29, quem tem uma “epifania” é o eu-lírico, sendo revelada através da amora com destaques sobre sua cabeça. Ele entende que há de vir a reflexão da menina, que apesar de ter sido intermediário, ela atingiu suas próprias conclusões.

Quadro 13 – Texto verbal

[Ela]	Me	olhou	nos olhos	muito bem
Experienciador	Fenômeno	Proc. Mental	Circ. Lugar	Circ. Modo

e	[ela]	disse:
	Dizente	Proc.: Verbal

A menina volta a realizar processos mental e verbal, como inicialmente, mas dessa vez de maneira mais intensa, nos fazendo inferir a mesma coisa que o eu-lírico: algo importante está prestes a acontecer.

Figura 30: Imagem 13 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção representacional: Representação narrativa, reacional não-transacional; processo analítico e simbólico (vemos o rosto em plano fechado de uma pessoa usando brincos, e nesse momento já sabemos que se trata de uma menina);
- Metafunção interacional: Contato por oferta, em plano fechado; ângulo frontal, poder no nível do olhar;
- Metafunção composicional: Saliência - as feições da menina parecem reflexivas.

Na Figura 30, a menina ainda parece pensativa, olhando para cima (podemos inferir pelo texto que ela busca o olhar do pai), mas mais certa do que pensa, olhando nos olhos do eu-lírico, ela parece saber que o que está prestes a dizer carrega um significado muito grande, embora seja tão pequena, como uma amora.

Quadro 14 – Texto verbal

Papai,	que bom,	porque	eu	sou	pretinha	também.
Vocativo	Atributo	Circ. razão	Portador	Proc. Relacional	Atributo	

Essa frase é no que culmina o ensinamento do pai através da metáfora das amoras, e o aprendizado da menina que chegou a essa conclusão sozinha. Em momento algum o pai diz que as amoras são como as pessoas negras, mas ela sente essa identificação com as “amoras pretinhas” por elas serem tão boas e ela almejar ser como as amoras, por isso conclui que é bom ser pretinha também.

Figura 31: Imagem 14 Amoras



Fonte: Livro Amoras, Emicida

- Metafunção representacional: Representação narrativa por processo verbal;
- Metafunção interacional: Contato por oferta; imagem em plano fechado; poder em nível do olhar;
- Metafunção composicional: Temos o enquadramento da fala da menina, que está cercada por folhas de amoreira; Em saliência, a menina está de olhos fechados e sorri ao falar;

A Figura 31 é onde culmina a reflexão da menina, guiada pelo pai. Ela se reconhece doce e bela, como as amoras pretinhas, ao dizer que é bom que ela seja pretinha também. Mas esse momento é mais interessante e importante porque o pai não participou diretamente desse autorreconhecimento, ele foi conversando e ela percebeu sozinha que ela é bela sendo negra, o que torna esse conhecimento emancipador. Num mundo em que ser pretinha como as amoras não é algo fácil ou desejável socialmente, ela entende que na realidade ser como ela é, é a melhor coisa que ela poderia ser.

Frequência de ocorrência dos processos no texto verbal

PROCESSO	OCORRÊNCIAS
Existencial	0
Relacional	9
Material	13
Mental	7
Verbal	4
Comportamental	3

No texto verbal do livro *Amoras*, que tem cunho poético, encontramos cinco dos seis tipos de processos, mas com maior frequência vemos o processo material, que ocorre treze vezes e correspondem às ações e eventos que ocorrem no livro; e o processo relacional, que ocorre nove vezes, diz respeito à identificação e caracterização das relações no texto.

Analisando os momentos em que ocorrem os processos relacionais, vemos que das nove ocorrências, sete são relacionadas à criança ou a algo que remeta a ela, como as amoras. Isso pode se dar pelo cunho de identificação da história, em que as amoras simbolizam o despertar da identidade da criança como negra.

O processo material, que ocorre mais vezes, diz respeito às ações dos indivíduos - como quando o adulto, eu-lírico na história, diz que é dito que o motivo de chorarmos ao nascer é “por nos afastar de Deus”.

ANEXO A - Minha pele não é uma ameaça

Minha pele não é uma ameaça

É engraçado como o mundo tem fusos diferentes, como pode ser sábado deste lado do mundo e sexta-feira em outro lugar. Ainda assim, de alguma maneira, os Estados Unidos ficaram presos em 1920. Isso foi há 100 anos atrás, e nós ainda estamos lutando por nossas vidas, por nosso lugar aqui.

O que nós fizemos para eles nos odiarem tanto? Eu sei que é fato que eles amam nossa cultura. Eles amam roubar nossas tranças, o jeito como nós falamos, qualquer coisa que chamamos de nossa. Mas é aquele um mau policial branco, e aquela uma pessoa negra inocente, que a pessoa negra teme por sua vida. Esse é o mundo em que vivemos.

Sabe, quando eu era mais nova, os professores costumavam perguntar às crianças o que elas queriam ser quando crescessem. Algumas diziam “famoso/a”, eu fui uma dessas crianças. Mas agora eu mudei a minha resposta. O que eu quero quando eu crescer é estar viva.

Eu gostaria de saber se eu vou sobreviver sendo suspeita fazendo nada, se eu sou suspeita na minha própria casa, dormindo na minha própria cama. Por que eu sou suspeita? Porque eu podia jurar que dos 2 aos 3 eu era a coisa mais fofa. Quando eu deixei de ser fofa e comecei a dar medo?

Eu dou medo se eu uso um casaco preto?

Eu dou medo se eu uso uma mochila?

Eu dou medo se eu não faço nada?

Eu dou medo?

Meu pai te dá medo?

Minha mãe te dá medo?

A minha tia te dá medo?

Porque, deixe eu contar uma coisa, nós não damos medo.

Terrance Franklin, Breonna Taylor, Tamir Rice, Dontre Hamilton, Ariane McGree, George Floyd, Eric Garner, Ezell Ford, John Crawford III, Steven Demarco Taylor, Michael Brown, Jerame Reid, Ahmaud Arbery, Akai Gurley, Tanisha Anderson, Eric Harris, Antwon Rose II, Freddie Gray, Tony Robinson, Jacob Blake, Dante Parker, Romain Brisbon, Jamee Johnson, Walter Scott, Sean Reed, Miles Hall, Phillip White.

Diga seus nomes.

Você vai ganhar o meu respeito quando eu não temer pela minha vida, ou pela de qualquer outro. Até lá, meu respeito não virá de graça.

Vidas Negras Importam!

por Jolia Bossette, 11 anos³ (Tradução minha)

ANEXO B – Versos de Lucas Penteado

"Eu não falo amém quando falo com meu
 senhor.
 Desculpa se é em outra língua.
 Okê Arô
 Meu santo fala Yoùrubá
 E não latim
 Ora Yê Yê Ô
 Ogunhê
 Odoyá
 Obá xirê Obá
 Kaô kabecilê
 Esse dialeto eu sei pronunciar, muleque
 Mas infelizmente não tinha essa opção na
 FUVEST
 Macumba? Só se for em dia de Santo
 E eu tiver que tocar a cabaça até de manhã.
 Sou sim macumbeiro
 Mas se você for da gira, pode me chamar de ogã.
 ‘Chuta que é macumba’
 Chuta mesmo, chuta sim,
 Até porque o Egum corre atrás de você
 E não de mim.
 Já pensou se eu decido
 Me vingar de você?
 Dar cigarro e cachaça de encruzilhada
 Pra você fumar e beber?
 Já que você não acredita
 Nada ia acontecer.
 Aí sim irão entender
 O que a "esquerda" pode fazer.
 Meu Tranca Ruas

Me destrancou de uma prisão
Que eles chamam de instituição de educação.
Ajudei a ocupar a minha escola sim
Parecia até que tinha baixado o Exu Mirim.
Agora aguenta
E essa é pra esse bando de infeliz
Pois quando eu inventar o meu livro de história
Vai ser com a minha raíz"

(Lucas Koka Penteado)²⁶

ANEXO C - Somos**SOMOS**

Vamos fazer uma revolução.
Vamos nos retratar com graça e com responsabilidade.
Vamos amar o lugar de onde viemos.
Vamos nos amar.
Vamos conhecer e creditar criações negras.
Vamos conhecer, investigar e nos inspirar em cada passo dos negros que
vieram antes de nós.
Vamos entender que muitos de nós foram e são heróis: alguns sobre-humanos, alguns
humanos.
E que todos nós só queremos ser livres e felizes.
Gordos, magros, LGBTQIA+.
De pele mais clara ou mais escura.
Somos negros e vamos fazer uma revolução.
Vamos nos compreender e fazer com que compreendam que, se a revolução não vier, o
mundo, como o mundo deve ser, não existirá.
Por isso, vamos fazer uma revolução.
E entender que o mundo não está certo
enquanto todos não souberem quão grande, nós, negros, somos.
Porque somos gigantes.
Negros gigantes.

(Alê Garcia em Negros Gigantes, 2022)